BOLETIM
DAS
Missões Civilizadoras
DIRECTOR — ABILIO MARÇAL

N.º 15 | JANEIRO A JULHO | 1922

Dr. Virgilio Nunes da Silva

ESTE boletim deve ha muito tempo a Virgilio Nunes da Silva a homenagem que hoje vem prestar-lhe.

Pelo interesse que êle zelozamente manifestou sempre pelos progressos deste Instituto;

Pela competencia que sobejamente revelou como professor e conquistou por um trabalho aturado e honesto, ao serviço duma clara inteligencia, que ele cultivou e robusteceu e afirmou na superior regencia das suas cadeiras;

Pela dedicação e carinho que lhe mereceram os creditos e o prestigio deste estabelecimento, de que foi um brilhante ornamento, nenhum funcionario com mais merecimentos e com melhor folha de serviços conquistou mais legitimo direito a esta consagração e á inscrição do seu nome nesta modesta pagina.

Tudo quanto, proxima ou remotamente, podia interessar á vida deste Instituto, aos seus progressos e á difinição da sua existencia, ás suas reformas e á sua expansão, todas essas fases êle as viveu com anciedade e vivo entusiasmo.

As horas de incerteza, que algumas e bem duras foram, padeceu-as êle com amargura, mas não com desalento, porque sempre teve a fé viva dos crentes e a presistencia inabalavel dos espiritos fortes.

Os momentos de triunfo ninguem os sentiu com mais paixão e festejou com mais entusiasmo, não por mesquinho in-

teresse proprio, que isso era para êle mísero e imponderavel, mas porque tinha a alma grande e ardente dum devotado republicano e dum grande patriota.

Era um apaixonado pelo problema da civilização das nossas colonias, e era de enternecer o cuidado e o esméro que êle punha na educação dos seus discipulos e o carinho com que os preparava para nessa lucta da civilização êles honrarem as missões e prestigiarem o Instituto!

Assistiu ainda á sua reorganização, e com que prazer êle o viu triunfar das contrariedades que o embaraçavam e porventura chegaram a ameaçar a sua existencia!

Essas dificuldades poucos as conheceram como êle e, tambem como êle, poucos as sentiram com mais anciedade e as viram vencer com maior alegria.

Ainda conheceu o esboço da organização das missões, mas não lhe foi dada a fortuna de as vêr lançadas sequer em diploma legal.

Pouco tempo antes, a meio da caminhada da vida, que para êle foi tão curta como ingrata, tombava esse corpo que parecia de atléta e o foi incontestavelmente na pureza dos seus afectos, na honradez do seu caracter e na lealdade dos seus sentimentos!

Na realização desta obra, que circunstancias varias puzeram sobre os nossos hombros, a morte de Virgilio Nunes da Silva foi o maior desgosto que temos sofrido e a maior perda que tem ferido a instituição.

E' com dorido sentimento que invocamos sempre o seu nome e não menos dorido e profunda é a comoção com que estamos escrevendo estas linhas em que fica vincado o preito da nossa imperecivel saudade e a homenagem deste Instituto ás suas altas qualidades, com a sua gratidão pelos carinhos e dedicação que lhe deve.

O dr. Virgilio Nunes da Silva, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi nomeado professor deste instituto, quando ainda Colegio das Missões Ultramarinas, por provimento de 15 de outubro de 1910, entrando logo em exercicio de suas funções.

Faleceu em Lisboa, em 28 de dezembro de 1918, com 39 anos de idade, pois nascera em 25 de janeiro de 1879.

Dr. Virgilio Nunes da Silva

Professor do Instituto de Missões Coloniais

Falecido em 28 de Dezembro de 1918

CONTINUANDO

CIRCUNSTANCIAS que muito nos contrariaram obrigaram-nos a interromper a regular publicação d'este boletim.

Não vale a pena expôr os motivos que essa interrução nos impozeram. Nem êles importam ou interessam a quem nos lê.

Mesmo porque já em nós vae um pouco esbatido o pezar que o facto nos causou, para só sentirmos neste momento a alegria que nos vem de recomeçarmos.

A esta tarefa voltamos, pois, com a mesma fé e com o mesmo entusiasmo com que a caminhada encetámos ha dois anos, sem esmorecimento nem fadiga, com a perseverança e a segura convicção de que alguns serviços prestamos á Republica, cumprindo este dever, sem brilho, é certo, mas com dedicação e com a viva aspiração de bem a servir e honrar.

A mesma confiança serena e reflectida que nós tinhamos na eficacia da acção das missões civilizadoras, ao escrevermos o ultimo artigo deste boletim, a temos hoje, cada vez mais revelada em factos e mais robustecida na fé e no esforço dos elementos que as compõem.

Melhoradas em algumas de suas insuficiencias e imperfeições de organização, expurgadas de alguns maus elementos e

porventura mais acertadamente distribuidas, elas aí estão pizando com passo firme o sertão africano, elevando-se á nitida compreensão das suas responsabilidades e dos seus deveres e desmentindo, pelo seu trabalho persistente e abnegado, a atoarda de inutilidade que a leviandade duns e a má fé doutros pretenderam assacar-lhe.

*

Não nos agastêmos nem sejâmos intolerantes.

Ninguem pode legitimamemte esperar que uma instituição, sobretudo como esta, tão melindrosa e tão complexa, saia, de inicio, isenta de defeitos, sem ao menos carecer da correcção que lhe pode advir das lições de experiencia.

Bem velhas são as missões religiosas e ainda agora a igreja vem confessar que errou, e declarar que lhes vae modificar a constituição e a orientação, para melhor poderem realizar o seu objectivo e como meio até da sua rehabilitação.

Alguns seculos de existencia teem elas no Congo, e ao deixal-as, em 1889, Barroso, o grande missionario, sucumbido ante a inutilidade dos seus esforços, bradava:

«E' duro confessal-o mas é verdade: o cristianismo não assimulou o indigena.

Assim não pode ser: missões sem trabalho não dão resultado. E' preciso introduzir nelas o leigo — o agricultor e o artista. E' a mulher.»

Ninguem o quiz ouvir. As suas ideias e afirmações, feitas em varias conferencias, foram nos meios religiosos consideradas avançadas em demazia e um tanto inconvenientes: e o superior das missões do Congo não mais voltou a ocupar o seu logar.

Dois anos depois, uma outra auctoridade — o dr. Ferreira da Silva, então em Cabo Verde e depois enviado para a prelazia de Moçambique com o titulo de bispo de Siene — vinha em reforço a Barroso, e *para salvar as missões da inutilidade em que estavam a cair*, dizia:

«Organizem-se as missões no ultramar de modo que tenham ao lado do templo a fabrica, ao pé do catecismo a cartilha maternal, junto da pena de escrever a sovéla de sapatei-

ro, a agulha do alfaiate, o formão, a bigórna, o martêlo, todos os meios, emfim, que podem fazer do indigena um homem civilizado.»

Assim falou o ilustre prelado em um seu interessante relatorio e transcreveu noutro, a insistir e a bradar por esta orientação a que ele chamou «*palavras de senso pratico, a favor das missões.*»

De longa data estão elas em Moçambique, e ainda ha bem pouco tempo, já ao proprio governo da República, em uma larga exposição, cincoenta padres daquela colonia, confessando a sua esterilidade, em *poenitet me*, diziam assim:

«*Evangelisar um selvagem deixando-o no mesmo estado de barbarie, equivale a construir sobre areia.*

Uma leve brisa dará em terra com o edificio. Foi o que sucedeu.

A obra dos antigos missionarios, foi, na verdade, um edificio erguido sobre a areia movediça das paixões dos cafres.»

A confissão é preciosa.

E é de registar, pela sua franqueza e pela sua expontaneidade.

Assim foi, infelizmente: dizemo-lo sem prazer nenhum.

As missões religiosas portuguesas mui pouco teem produzido: não teem cumprido o seu dever.

Por vicios de organização, por erros de orientação, que não por defeitos dos homens, vem agora dizer a igreja.

Assim será, e nenhuma repugnancia temos em lh'o conceder.

Pois reorganizem-se. Rehabilitem-se e elevem-se, que dos governos do República todos os meios teem recebido para se rehabilitarem e elevarem. Como nunca lh'os concedeu a monarquia!

Uma grande obra élas teem a realizar, e podem e são capazes de realizar nos nossos dominios. Não somos cegos. Reconstituam-se e realizem-n'a.

Exclusivismos, previlegio de virtudes, de dedicação e de capacidade, com pretensões a monopolio, isso é que não.

Mas, se as missões religiosas, de secular existencia e experiencia, ainda não acertaram com a sua organização, como lialmente confessam, que grande admiração seria que as missões laicas se revelassem com imperfeições na sua iniciação e indecisas em seus primeiros passos?

Se as missões religiosas teem sido de completa esterilidade por erros de orientação, «um edificio construido sobre areia», segundo as suas proprias palavras, com que direito e com que lisura se vem pedir já, em gritaria, serviços e provas ás missões civilizadoras, que teem menos de dois anos de existencia e que mal chegadas são ainda á Africa?

Não tenham impaciencias.

Guardem as lamurias e os inflamados tropos.

Demos-lhes tempo: alguns meses mais, mas menos do que anos teem as missões religiosas, e apareçam então as criticas.

Deixemo-las ao menos instalar e elas então se revelarão e afirmarão eloquentemente na realização do seu objectivo e atingindo a plenitude da sua acção, para triunfarem.

Para triunfarem! Não tenham duvidas.

Temos segura confiança nesse triunfo, que para nós vem do conhecimento que temos dos homens que as formam: da sua fé, que é inquebrantavel, e do seu trabalho e dos seus planos que são criteriosos e decididos: da obra já realizada e do sentimento, que a todos anima — os que lá labutam já, com tenacidade e entusiasmo e os que nesta casa se estão educando e preparando para partir.

Dêem-lhes meios para que eles bem possam trabalhar. Proporcionem-se-lhe recursos para que eles possam realizar essa grande obra, e eles a realizarão, brilhantemente.

Porque uma perfeição ha que as missões laicas nunca atingiram nem provavelmente virão a atingir e supõem mesmo vedada ás missões religiosas — fazer milagres!

E porque não haviam de triunfar?

Porque lhes falta o sentimento religioso, predestinam seraficas creaturas, de braços crusados no peito e olhos postos no firmamento.

Sim, deve ser isso.

O que vale e tem produzido esse sentimento, nós o diremos em um proximo artigo.

Movimento das Missões Civilizadoras

Depois da publicação do ultimo numero deste boletim algumas alterações tem sofrido a constituição e distribuição das missões civilizadoras.

O mapa que a seguir publicamos indica qual é a sua actual situação.

Provincia de Angola

Missão "Cinco de Outubro"

Mudou a sua séde para Mussólo, onde actualmente se está instalando, sob a chefia de Francisco de Oliveira Leitão, com os seguintes agentes, sob as suas ordens:

José Salvado Barros
Zulmira Celeste Leitão Serra
José Maria Rascão Gomes

Missão "Candido dos Reis"

A séde desta missão continúa em Ompanda, one estão os agentes Joaquim Martins e Ilidio Correia da Silva Dias, que a está dirigindo, na ausencia do chefe, que está instalando a nova missão do Hoque.

Em Ompanda estão ainda os auxiliares An'bal Ferreira e Leticia Ferreira.

No *Hoque* estão o chefe Alvaro Caetano de Oliveira e os agentes

Adriano Caetano de Oliveira
Manuela Caetano de Oliveira
Judith dos Santos Oliveira

Para a *Humpata*, a fundarem uma outra sucursal, partiram os agentes Manuel Correia da Silva e Alzira Biscaia Correia da Silva.

Provincia de Moçambique

Missão "Miguel Bombarda"

Tem a sua séde em Xinavane—Taninga, tendo como chefe José Lopes Xisto, com quem estão os agentes Elisa de Melo Xisto e José Lourenço.

Creou recentemente duas sucursaes, uma na Ilha Mariana, onde estão o agente Claudino dos Anjos Alves e o auxiliar Francisco dos Anjos Alves; e outra em Capolana, confiada ao agente Antonio da Silva Veiga.

Missão "Patria"

Mudou a sua séde para N'hambel, ainda na região de Zavala, onde actualmente está o chefe, com os agentes

Ana Rosa Pires Teixeira
Antonio dos Santos Leão
Mariéta Candida de Souza

Em Dackalo, antiga séde da missão, ficou uma sucursal e nela os agentes Luis José de Oliveira e Ermelinda Teixeira de Oliveira.

*

Em Helen, terras do regulo Guilundu, ainda circunscrição de Zavala, foi fundada uma nova sucursal, que foi confiada aos agentes Joaquim José de Sousa, Margarida Charula de Sousa e a auxiliar Etelvina Aurora de Sousa Bélo.

"Missão Camões"

Séde em Moçambique, sob a chefia de Carlos Correia de Lacerda, que está dirigindo a Escola d'Artes e Oficios, tendo como auxiliares os agentes João de Jesus Ferreira e Pedro Alves Gago.

O Instituto Elias Garcia, da Cabaceira , que tambem foi confiado á «Camões», está sendo dirigido pela agente Leopoldina Correia de Lacerda.

Esta missão tem duas sucursaes: uma em Meconta, onde estão os agentes Antonio Julio de Matos Nunes e Eduardo José Fernandes Pêgo e outra em Fernão Veloso, com os seguintes agentes:

José da Conceição Moura
Luis dos Reis
Antonio Albeito de Moura

e a auxiliar

Ernestina Amelia Moura

Missão "República"

Continúa no Alto Molócue, com a sua séde em Ile—Luá.

Com a saida do antigo chefe José da Silva, tomou a sua direcção o agente Antonio Ribeiro Vaz, tendo sob as suas ordens os agentes

Acacio Altino Salgado
Antonio Joaquim Teixeira
Sebastião Chambino

A nossa acção civilizadora

DEVE EXERCER-SE NA NOSSA AFRICA, EVITANDO A DESNACIONALIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA

Com este titulo e sub titulo, publicou o nosso presado colega *A Patria*, de Lisboa, o artigo que a seguir transcrevemos.

Essa transcrição a fazemos com vivo prazer.

Bom é que o magno problêma da civilização comece a interessar a imprensa do país, que dela tão distraida tem andado mas que tão valioso apoio lhe pode prestar servindo, assim, os interesses da Patria e da República.

Folgamos deveras que a propaganda do *Boletim* consiga, emfim, fazer-se ouvir e oxalá os seus brados possam despertar a alma nacional e estimular as suas energias, até hoje pouco mais do que indiferentes aos seus interesses coloniais.

Ao nosso presado colega agradecemos as suas boas palavras.

Segue o artigo:

«Acabamos de fazer uma pequena leitura do ultimo boletim do Instituto de Missões Coloniais, com séde em Sernache do Bomjardim, de que é director o sr. dr. Abilio Marçal. Conhecendo os assuntos coloniais apenas pela rama, pudémos no entanto constatar o valor dessa publicação, sob o ponto de vista da propaganda da nossa acção civilizadora no continente negro.

Somos dos que entendem que na propria faixa de terreno que faz parte da chamada peninsula ibérica temos ainda muito e muito que civilizar.

Por essas serranias e nas proprias cidades, ha ainda algumas criaturas que não possuem a mais leve noção do estado progressivo dos povos e outras que manifestam a ferocidade propria dos gorilas.

Todavia a nossa acção tem de se acentuar em uma e outra parte do globo.

Os nossos territorios de além-mar carecem da nossa acção civilizadora, que deve exercer-se sem desfalecimentos, para sermos dignos de nós proprios e honrarmos as nossas tradições de povo civilizador. Já nas terras de Santa Cruz deixámos os vestigios da nossa civilização.

Chovam muito embora os impropérios dos que o odio abastardou, Portugal pode orgulhar-se do seu espirito arrojado, que o levou aos confins do mundo, onde estabeleceu a sua soberania e marcou o seu lugar na vanguarda dos povos civilizados.

Tendo-se iniciado o periodo da decadencia, as nossas Africas encontravam-se abandonadas, descurando-se consequentemente o problema da colonização.

Em Portugal nao tratámos de levar ao conhecimento das gerações novas que as nossas colonias necessitavam do nosso esforço colonizador, a fim de que as suas imensas riquezas viessem aumentar os recursos do nosso patrimonio nacional.

São bem concludentes as seguintes palavras que respigamos do boletim que temos sobre a nossa mesa de trabalho:

«*Sentenceia-se para ahi dogmaticamente que o nosso futuro e o ressurgimento da Patria Portuguesa estão nas nossas colonias, mas da existencia desse vasto patrimonio a maioria do pais tem a noção mais grosseira e mais incompleta. Do problema politico portugués só interessa ao pais o que ele tem de superficial e escandaloso. De politica as multidões só tratam e conhecem o que ela tem de sordido e baixo: sómente exaurem as suas fermentações mefiticas.*»

Nas proprias regiões do poder não houve por vezes a consciencia do papel que lhes competia desempenhar.

E só assim se explica que o nosso problema colonial fosse encarado tão superficialmente.

As nossas colonias, incultas, selvagens, estavam sendo o campo das manobras das missões estrangeiras. Esquecendo-nos das altas vantagens que poderiam advir da acção desenvolvida pelas missões estrangeiras, que estavam levando a efeito a obra de desnacionalização das nossas provincias ultramarinas.

Após a guerra, porém, as nações tomaram o compromisso de exercer uma acção mais eficaz em prol da civilização.

Portugal, para não perder o honroso titulo de primeira potencia colonial do mundo, teve de curvar-se perante a força das circunstancias e cuidar melhor da colonizaçao dos seus vastos territorios africanos.

Os governos reconheceram então a necessidade de criarem missões civilizadoras, que ensinassem aos indigenas a nossa lingua, aportuguesando assim as nossas Africas.

No entanto nem todos compreenderam o alcance de uma obra de tal magnitude.

Tendo sido votados 3oo contos para auxiliar as missões ultramarinas, consoante se verifica do respctivo boletim, dois ministros das Finanças houveram por bem reduzir a verba a metade.

Apesar destas deficiencias e da falta de interesse pelos assuntos coloniais, as missões colonizadoras proseguiram na sua patriotica e humanitaria tarefa, de modo que, muitos dos indigenas já falam e escrevem o português.

E senão atentemos nos seguintes e elucidativos periodos do relatorio de um agente da missão «Camões»:

«A impressão de surpresa e alegria que eu tive, ao entrar no Instituto Elias Garcia, não mais a esquecerei na minha vida de missionario. Aquelas crianças cheias de vida e contentamento, vestidas simplesmente á europeia nada bisonhas, a cumprimentarem-me tão correctamente e carinhosamente, deixaram-me boquiaberto! Nomeio delas e com elas brincando, como se irmãos fossem, os filhinhos do chefe da missão, que sem duvida naquela obra colaboram, ainda que inconscientemente. Ah! A familia!... Todas elas falam já o português, mesmo nas suas relações mais intimas, e sem esforço: não mais o macúa. *E quando vem alguma de novo, são já elas, as proprias alunas, as primeiras que, carinhosamente, lhes ensinam a nossa lingua e lhes explicam com viracidade e uma pontinha de consolador orgulho que tambem são portuguesas. Têm as suas aulas de leitura e escrita e de lavôres. Nesta ultima fazem prodigios! Têm trabalhos que fariam o orgulho de muitas meninas brancas. Todas querem trabalhar. Fazem os seus vestidos, tratam da sua alimentação, dos seus dormitorios, sempre sem enfado e até com entusiasmo! E com que ordem e com quanto aceio e metodo!*

Emfim, trinta e nove donas de casa em miniatura.»

E' consolador registar estas opiniões dos agentes civiliza dores.

Tendo reconhecido a tempo o erro, providenciamos a tempo do o emendar. E no caso presente a emenda não ficou peor que o *soneto*.

As missõe portuguesas vão assim inutilisando a influencia que as suas congeneres estrangeiras estavam exercendo no animo da população negra.

E' indispensavel, porém, conceder ás missões civilizadoras todos os elementos para o desempenho da sua elevada missão.

Nós não poderiamos assistir de braços cruzados á desnacionalização das nossas colonias, que os nossos antepassados nos souberam legar, como testemunho das suas heroicas aventuras.

Civilizemos, pois, a população negra; dignificando a sua raça e elevando-nos no conceito das nações.»

A VISITA

DO

SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA ÁS COLONIAS

O *SECULO*, o importante diario lisbonense, vem fazendo ha muito tempo uma activa e patriotica campanha pelo resurgimento de Portugal pelas suas colonias.

«E' preciso estimular os brios adormecidos deste povo, historicamente, o mais colonizador do mundo, para que nos atirêmos com denodo ao trabalho e assim se valorise o solo nacional,» proclama a ilustrada folha da capital com um entusiasmo que é bem de registar e aplaudir.

Ha dias, interrogando o sr. Presidente da República sobre a sua visita ás colonias, obteve dele a seguinte resposta que com muito prazer para aqui transcrevemos:

Pergunta-me o «Seculo» se tenciono visitar as Colonias. Respondo-lhe afirmativamente, podendo mesmo acrescentar que a minha viagem está já combinada entre mim e o Governo.

O Alto Comissario Norton de Matos convidou-me para visitar Angola, e o seu convite foi imediatamente secundado por todas as colectividades que representam a energia, o trabalho e o progresso d'aquela admiravel provincia. De caminho, entrarei mais ou menos demoradamente, no maior numero das nossas possessões de Africa.

E' o meu dever e vou cumpril-o com efusiva satisfação.

As nossas colonias são o mais valioso penhor do nosso futuro.

Eu amo-as, porque n'elas caiu em tempos, tambem o suor do meu rosto; e quero servil-as no seu legitimo fervor de expansão, porque será essa a melhor maneira de cumprir as minhas obrigações de Portuguez e de Chefe do Estado.

E acho eu que, para melhor as servir, é preciso ir vêr com os meus proprios olhos aquilo de que elas carecem.

Lisboa 26 de Agosto de 1922.

Antonio José d' Almeida

ECTRODACTILIA COM SINDACTILIA

(AUSENCIA CONGENITA DO PERONEO)

Numerosos e variadissimos são os casos clinicos que têm passado pela consulta externa do Instituto de Missões Coloniais e que ahi têm sido tratados.

Um ano apoz a inauguração desses serviços, registamos gostosamente, que não têm sido improficuos os ensinamentos colhidos pelos alunos deste Instituto que se destinam a Africa e que frequentam a nossa consulta diariamente, prestando assistencia clinica a este ou áquele desgraçado que ora exhibindo uma chaga, ora tossindo os pulmões aos frangalhos, nos vêm procurar na ansia de encontrar lenitivo aos seus males.

A verdade dos factos é esta: lá no sertão africano, os nossos agentes de civilização, a par e passo que vão alargando a sua esfera de acção vão tambem prégando preceitos de higiene tão uteis e tão necessarios em pais africano, vão carinhosamente curando as pustulas e as chagas dos indigenas, com paciencia e afinco na sua obra de civilizadores, luctando contra os variadissimos inimigos da saude do colono, fazem visitas domiciliarias, vigiando pelo aceio e pela higiene das cubatas, das instalações até dos proprios europeus, vão até junto dos doentes levar-lhes palavras de conforto e medicamentos.

Num dos ultimos relatorios recebidos refere um dos nossos agentes de civilização que terminou o seu curso o ano passado com uma elevada classificação, relata um facto que é digno de registo, que entre a população de doentes que frequentam a séde da missão, que todos os dias vão ahi receber curativo, muitos dentre eles são europeus, que não contente com a instalação desses serviços, tem ele proprio, assim como os seus colegas da missão, visitado os doentes nos seus domicilios, fazendo assim concorrencia aberta ao *quimbanda*.

Somam até hoje, pouco mais de um ano, apoz a instalação desses serviços de assistencia gratuita neste Instituto, somam 1:087 o numero de individuos de ambos os sexos tratados pelos alunos deste Intituto.

Se bem que instalados provisoriamente os nossos serviços de assistencia na farmacia do mesmo Instituto, o rendimento é superior á nossa expectativa. Num futuro proximo contamos alargar e dar maior incremento a essa obra que tão carinhosamente tem sido protegida pelo Ex.mo

Director, com a inauguração de um laboratorio destinado a analises clinicas e a ensaios de bacteriologia experimental e protozoologia, com a creação de uma pequena enfermaria destinada a albergar alguns doentes que servirão de *suget* para as lições praticas da cadeira de medicina tropical e conhecimentos medicos.

Com o concurso valioso do ex.^{mo} sr. dr. Angelo Vidigal, pudemos já realisar até hoje pequenas intervenções cirurgicas que uma vez instalados, definitivamente os nossos serviços, poderão tomar maior vulto, prestando assim o Instituto de Missões Coloniais á população pobre da região grándes beneficios.

Foram feitas até á data 3 operações de cura radical de hydrocele por inversão da vaginal, 2 trepanaçõis de tibia por processo de osteo mielite, 1 plastia do labio superior (labio leporino), etc.

Como sequencia do artigo por nós publicado no n.º 5 deste *Boletim*, vamos hoje referir-nos tambem a um caso de malformação congenita — ectrodactilia — na pessoa de um dos nossos doentes da consulta externa do Instituto.

A ectrodactilia traduz-se pela ausencia total de um ou varios dedos. Ahi pela altura da quinta semana de vida intra uterina, os gomos que representam o esboço dos membros, encontram-se divididos em duas porções que se destinguem segundo a sua situação em relação ao tronco, em parte distal e em parte proximal. A parte distal donde provem mais tarde a mão ou o pé apresenta-nos sobre o bordo livre, ligeiras incisuras longitudinais indicando o traço dos dedos.

Até ao fim do segundo mês de gestação os dedos conservam-se reunidos por uma membrana que dá á mão e ao pé um aspecto espalmado. Pela altura da sexta semana, a parte proximal que até então se conservou indivisa diferencia-se em dois segmentos, braço e ante-braço para o membro superior, coxa e perna para o membro inferior. Quer o membro superior quer o inferior, nas primeiras semanas de vida embrionaria, apresentam sobre as partes lateraes do tronco uma orientação muito diferente daquela que apresentam no adulto: os cotovelos e os joelhos fazem saliencia para fóra, os ossos do ante-braço e da perna estão colocados num mesmo plano paralelo ao plano vertebro-costal, o polegar e o dedo grande do pé estão dirigidos ambos para deante, o dedo auricular e o dedo pequeno do pé ambos dirigidos para traz. Durante o terceiro mês, os membros sofrem um movimento de rotação, a extremidade superior do humero sofre um movimento de rotação para fóra de 90º, voltando o cotovelo para traz e a face palmar da mão para deante, a extremidade superior do femur executa um movimento de rotação tambem de 90º, mas em sentido inverso, o joelho fica voltado para deante e a face plantar do pé voltada para traz.

Eis, numa palavra, resumida a maneira como se desenvolvem os membros, uma perturbação ou uma paragem de desenvolvimento pode, segundo a epoca em que se produziu, determinar uma malformação que pode ser mais ou menos grave. Pode interessar todo o membro, se ela interessa sómente o bordo livre da parte distal nós teremos, ou uma segmentação exagerada das incisuras longitidinaes que dão os dedos, e

nesse caso um ou mais dedos supranumerarios — polidactilia — ou uma segmantação incompleta como acima referimos, traduzindo a ausencia total de um ou varios dedos — ectrodactilia.

No caso por nós apontado no n.º 5 do *Boletim* de agosto de 1920, a perturbação no desenvolvimento do membro que deu origem á deformação apresentada por A. I. S. B. — hemimelia — ter-se-ia feito depois da primeira segmentação dos gomos (parte proximal) e fêz-se sentir sómente sobre a porção distal, acarretando a ausencia da extremidade do membro superior esquerdo.

O caso de ectrodactilia estudado hoje, refere-se a José R. L. (Fig. n.º 1) de 7 anos de idade, natural de Sernache do Bomjardim, aqui domiciliado, filho de A. N., funileiro, e de V. C. L., domestica, ambos naturaes de Sernache.

O pae de José R. L. é um individuo de aspecto normal, robusto, saudavel, com vinte e nove anos de idade, pele morena e olhos castanhos. Nunca teve doença alguma a não ser variola em pequeno.

A mãe tem trinta anos de idade, robusta, de estatura regular, palida, cabelos pretos e olhos pretos. Um ano antes de José R. L. ter nascido, sofreu de uma doença bastante prolongada que não conseguimos precisar qual a sua etiologia: dôres de cabeça violentas, dôres rhumatoides poli-articulares, erupção cutanea.

Tratar-se-ia de um caso de sifilis?

Até então nunca sofreu de doença alguma. Teve dois filhos; José R. L. é o mais velho. O segundo filho é saudavel.

A gestação do primeiro filho foi muito acidentada. Não sendo casada com A. N., procurou encobrir a sua gravidez até á ultima, trabalhando sempre em diferentes misteres; sofreu bastante com a separação de A. N. que teve de abandonar a terra por causa do serviço militar. O parto foi normal.

O avô materno de José R. L., alcoolico, maltratava a filha, batia-lhe, quando informado da sua deshonra. Esta, muito impressionada pelo abandono de A. N., gerou o seu filho em pessimas condições de espirito.

Temos a acrescentar um facto curioso: as seguintes palavras atribuidas a A. N., «para ser meu filho, seria necessario que ele nascesse com falta de dedos» palavras estas proferidas antes da criança vir á luz e que sérias apreensões causaram á mãe.

Fig. 1

José R. L. é dotado de grande agilidade, não obstante uma diferença consideravel no comprimento dos membros inferiores, anda rapidamente, salta e corre. José R. L. pronunciou as primeiras palavras aos onse meses, começou

a andar aos três anos, e a erupção dos seus primeiros dentes fez se aos sete meses.

E' dotado de grande vivacidade e muito inteligente. Magro, pequena corpulencia, tem de altura 1,m09 e pesa 30 quilos. Pele trigueira, cabelos e olhos castanho escuro, labios e nariz regular. Os dentes são mal implantados. Abobada palatina em ogiva, fronte vertical, bossas frontaes salientes, as parietaes tambem salientes, o ociput achatado. Região malar esquerda deprimida. Orelha esquerda maior do que a direita. 57 milimetros e meio a esquerda, 55 a direita. Angulo cefalo auricular esquerdo 75°; direito, 45°. Lobulos adherentes; mais acentuada a adherencia do lado direito; o anti-tragus direito menos desenvolvido que o esquerdo.

Membro superior direito:

Os musculos do braço e ante-braço estão ligeiramente atrofiados. Esta atrofia acentua-se á medida que caminhamos para a extremidade do membro. A mão apresenta sómente três dedos: o polegar, o indicador e o medio; estes dois ultimos dedos estãos reunidos por uma membrana interdigital. (Vide fig. 2).

O carpo é pouco volumoso e o metacarpo composto sómente de três metacarpianos, correspondentes aos três unicos dedos. Nestes encontram-se as três falanges. Quer os movimentos da articulação do punho quer os destes três dedos, são completos. Os movimentos de oposição do polegar, são perfeitos. José R. L. pode fazer a apreensão de qualquer objecto com os seus três dedos. Póde executar uma pressão de 8 quilos medidos ao dinamometro.

A face palmar da mão é carnosa e a sua pele apresenta cristas papilares dispostas em colchete com delta externo. A pele da face dorsal é tambem normal.

Membro superior esquerdo:

Normal, mão normal.

Membro inferior direito:

Os musculos da coxa estão muito atrofiados conforme mostra a fig. 2.

A perna é notavelmente mais curta que a esquerda; o pé está voltado em *valgus*, não apresenta senão os dedos internos. A tibia faz um angulo cujo vertice ocupa a parte media do osso e se dirige para deante e para dentro. A tibia volumosa esta deformada angularmente como ficou dito, tendo de comprimento da tuberosidade anterior ao vertice do angulo 0,m11 e desse vertice ao maleolo interno 0,m06.

Do peroneo apenas se pode apalpar a cabeça e o maleolo externo parecendo não existir; trata-se de um caso de ausencia congenita do peroneo, deformação que não é excepcional. (1)

(1) *Presse Medicale* — Fevereiro de 1922. «Absence congénitale du péroné». P. Desfosses.

Fig. 2

Os unicos três dedos existentes na extremidade distal do membro, são os 1.º, 2.º e 3.º dedos, o 2.º e o 3.º estão como o indicador e o medio da mão tambem direita, reunidos por uma membrana interdigital.

Os movimentos quer activos quer passivos estão tambem comprometidos.

Membro inferior esquerdo:

Bem conformado; musculos salientes bem desemvolvidos; atitude boa.

O pé é que apresenta sómente três dedos: o 1.º, 2.º e 3.º, não existe aqui a membrana interdigital. Movimentos integros.

Segundo a opinião do professor Pires de Lima, da Faculdade de Medicina do Porto, as atrofias congenitas dos membros parecem mais frequentes, entre nós, no sexo masculino. Fort, dos 43 casos de ectrodactilia dispersos pela literatura medica, e por ele coligidos, conclue que a ectrodactilia é mais vulgar nas duas mãos ao mesmo tempo, depois na mão esquerda e em seguida na mão direita.

Acerca da etiologia destas malformações, citaremos algumas das teorias formuladas: (1)

Thibierge, cita um caso, de uma mulher gravida, tendo tido desejos de comer lagosta, durante o seu estado de gravidez, dar á luz uma criança apenas com dois dedos em cada extremidade.

Guyot-Daubés, refere um caso, de uma mulher impressionada durante o seu estado interessante, pela visão de um mendigo ectrodactilo, ter dado á luz uma criança tambem ectrodactila.

(1) *Sobre alguns casos de hemimelia e ectrodactilia*, por J. A. Pires de Lima,

Kirmisson, relata um caso de um alemão, para escapar ao serviço militar, amputar um dedo; a mulher que estava gravida, deu á luz um filho sem um dedo. Reproduz-se esta anomalia na mesma familia cinco vezes.

Parece ser hereditaria a ectrodactilia. Pires de Lima, Guyot-Daubès, Reilhan de Carnas, Apert, citam casos curiosissimos de transmissão á descendencia. Em alguns casos mesmo, a anomalia tende a agravar-se na descendencia. A fig. 2 representa á esquerda José R. L. tendo á direita um primo tambem ectrodactilo.

Encontram-se referencias acerca desta malformação, atravez da literatura. Não poderiamos, conforme o professor Pires de Lima aponta, considerar a protogonista da deliciosa lenda da *Dama Pé de Cabra*, do Livro das Linhagens, atribuido ao conde D. Pedro, em *Portugaliæ Monumenta Historica Scriptores*, (I, pag. 258), portadora dessa malformação?

A causa destas malformações está dependente da acção local exercida sobre o feto em gestação; um estreitamento do utero explica o aparecimento destas monstruosidades; é esta a teoria hipocratica. A teoria mecanica de Montgomery atribue estas anomalias á possibilidade de uma prega amniotica patologica, enrolar-se á volta de um membro, atrofiando-o.

Quer uma quer outra destas duas teorias explica satisfatoriamente a malformação.

No entretanto, não se compreende como uma acção mecanica acidental produzida por uma brida amniotica patologica, possa produzir anomalias nas extremidades de três membros como no nosso caso, dando sindactilia á direita, nos dois membros, poupando a mão esquerda e acarretando somente a ectrodactilia sem sindactilia do pé esquerdo.

Seria uma compressão uterina, a causa desta malformação, a unica causa? A mãe procurando encobrir a gravidez, apertando-se com uma cinta, teria ela concorrido assim para a mutilação do seu filho?

O estado psiquico da mãe durante o periodo de gravidez, não poderia ter contribuido tambem, com a sua quota parte, na malformação apresentada por José L. R. ?

Segundo a teoria hipocratica, qualquer estreitamento do utero modificaria a parte do feto que em relação estivesse com ele, do mesmo modo as arvores encontrando qualquer obstaculo ao seu crescimento, alteram-se na sua forma, moldando-se a uma pedra, por exemplo, ha uma dependencia bem nitida, tanto nos homens como nos vegetaes, entre a forma e o meio, tudo nos leva a crer pois, que a simples compressão de uma cinta que a mãe de José R. L. nunca deixou de usar, durante o periodo de gravidez, fosse ela só, a unica causa do aparecimento das diferentes malformações, inclusive a ausencia do peroneo apretentada por José R. L.

Sernache do Bomjardim, Fevereiro de 1922.

O Inspector sanitário e médico escolar
do Instituto de Missões Coloniais,

Eurico de Almeida

Viagem ás Praças do Norte

III

De Mormugão á fronteira do território de Gôa

Póe-se em marcha o combóio.

De Cansaulim á estação mais proxima a linha férrea estende-se em linha recta, sempre ladeada pelo palmar.

Após dez minutos, se tanto, de andamento, nova paragem do combóio. Estavamos na estação de Majordá, tambem pequena, semelhante á anterior.

A poucos passos da estação, por um caminho poeirento, naturalmente abobadado pelos compridos ramos das palmas, seguia um cortejo a pé. De que se trata? Facilmente o advinhei, em vista do aparato que o conjunto revestia. Era um casamento cristão.

Na frente do cortejo, uma carcassa cristã, embrulhada num clássico lençol, empunhava o cabo dum enorme sombreiro de seda escarlate, que fazia lembrar os grandes guarda-chuvas de barbas de baleia, que os camponeses antigamente usavam em Portugal. Servia de «pálio» para solenemente conduzir os noivos.

Ostentava a noiva um vestido de setim côr de rosa, atado na cintura com uma larga fita vermelha. Pelas costas caia-lhe um véu de cassa branca que se prendia á cabeça numa grinalda de flores artificiais de laranjeira.

O noivo vestia o «smoking», com que provavelmente servira á mesa no «Taj Mahal Hotel», de Bombaim.

Atrás dos noivos seguiam os convidados, prazenteiros e faladores formando um numeroso grupo de homens e mulheres, com os seus fatos domingueiros, de diferentes côres e feitios. Nos homens predominava a fazenda preta de lã — que horror neste clima — em trajo de jaquetão, á europeia, com a camisa de goma, gravata e chapeu de côco ou palhinha, a contrastar tudo com uns pés desalços, negros, sujíssimos . . .

*

* *

O cristão de Goa que se arroga a qualidade de *brâmane*, é, na sua respeitavel opinião, superior á gentalha cristã oriunda de castas inferiores, o que êle muito bem sabe distinguir. Embora ás vezes, os

GOA. O pagode de Manguexa (Pondá)

nobres o apontem como *mestiço*, segredando, em face de certos estigmas da sua compleixão que lhe corre nas veias algum sangue da lusa gente que conquistou a India ou mesmo dos cafres que os guerreiros portugueses tinham ao seu serviço como escravos, êle não deixa de se jactar da pureza da sua casta bramânica, jamais poluida...

Ora, ainda a propósito dos ressaibos gentílicos do cristão indiano, é sabido que êle mantem, como o hindu, disfarçadamente, perante as igualitarias leis portuguesas, o revoltante sistema do morgadio e concomitante negócio do casamento da filha que sai de casa com um pequeno dote, sendo nessa ocasião obrigada a renunciar á dos pais, segundo «os usos e costumes».

* * *

O casamento da mulher cristã, não por amor mas por oferecimento dos pais, independentemente da sua vontade, subordina-se á tradição hindú. Em regra, casa-se primeiramente a filha mais velha e depois as outras pela ordem da idade.

Nas familias hindus, segundo os velhos usos e costumes, em harmonia mais ou menos com os preceitos das leis de Manu, toda a mulher deverá casar antes de chegar á puberdade. De contrário entrará para o templo como vestal, dando assim ingresso na infeliz casta das bavinas ou na das bailadeiras, castas eternamente condenadas á prostituição pela religião de Brama.

Dêste costume, pensará o leitor, resulta que não há entre as mulheres hindus «mártires da virgindade»!

Engana-se; há muitas e nas piores condições: são as «sempre noivas», isto é, aquelas que perderam o marido antes de chegar á nubilidade. Noutros tempos sofriam o sacrificio do *sati*, quere dizer, deixavam-se queimar vivas na mesma pira onde ardia o cadaver do marido! Mas os portugueses e os ingleses acabaram com essa bárbara prática. No entanto, a familia hindu não permite á viuva que contraia segundas nupcias. Ainda mais, disfigura-a, rapando-lhe os cabelos, tirando-lhe as jóias e só lhe permitindo o uso dum pequeno pano branco ou vermelho a cobri-la dos rins ás coxas e da cintura aos peitos. Para que definhe, para que não medrem nela os desejos sensuais, uma só refeição ao dia lhe é permitida. E ai daquela que pre-

varicar, deixando-se seduzir pelo homem: E' posta, sem piedade, fora de casa; é expulsa, inexoravelmente, da casta, como se fôra uma cadela! Todavia, a viuva seduzida evita quasi sempre êsse tremendo castigo, acabando, a tempo, no fundo do poço ou no aperto do laço os tristes dias da sua vida! ...

Sôbre o casamento da mulher hindu durante a infância uma versão corre que não deixa de ser interessante. Esse acto tão prematuro, sem aparente vantagem social, pois que a mulher só se liga ao marido na fase fisiológica da vida em que poderá procriar, teve origem não muito remota. Foi, dizem no VII século da nossa era, quando os árabes invadiram a India, que se estabeleceu êsse costume, por causa dos invasores. Era uma medida de salvação contra o recrutamento das donzelas que os moiros dominadores faziam para as «zenanas» ou harêns musulmanos.

O hindu procura para a filha um marido que pertença não só á sua casta mas ainda ao âmbito da divisão da casta: se for bôto (sacerdote do pagode) negocêia o casamento da filha com o filho de outro padre bramânico; se ourives, com o de outro ourives; se latoeiro, com o de outro latoeiro, etc. E' lógico, sabendo-se, como se sabe, que entre os hindus os filhos devem perpectuar tanto a casta como a profissão do pai.

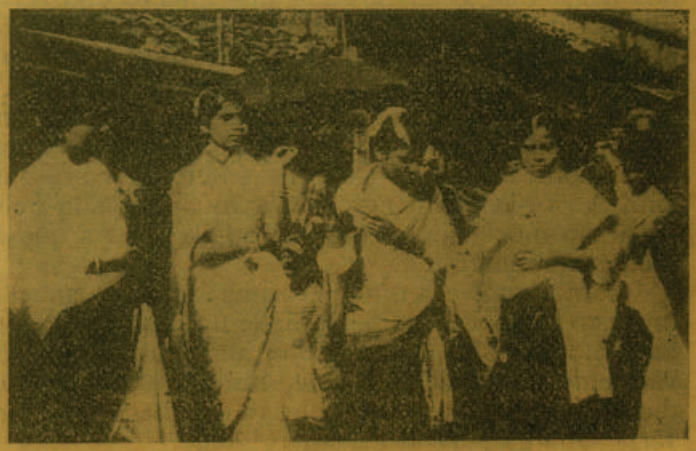
* * *

Muito pitoresca e cheia de poesia é a cerimónia dum casamento hindu.

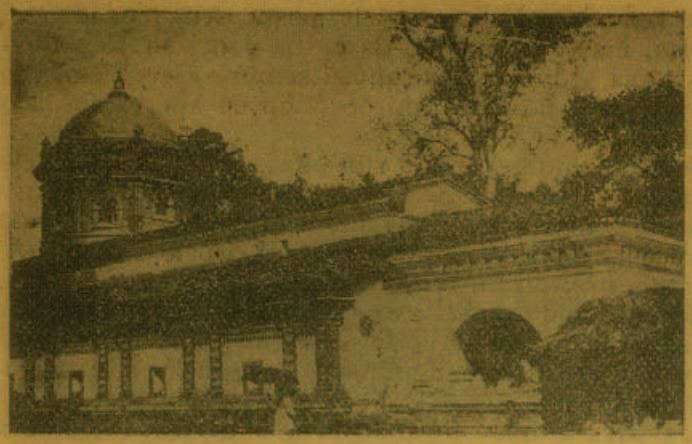
Vou descrever a largos traços uma dessas funções a que assisti, como convidado.

Era na cidade de Pangim. O cortejo saiu de casa dos pais do noivo. Num palanquim forrado de sêda escarlate, que quatro indios possantes conduziam sôbre os ombros, seguia o noivo, ricamente vestido. Acompanhavam-no numerosos parentes e amigos, com os seus trajes de gala, indo os homens a pé e as mulheres em trens de praça. Na frente do cortejo via-se um grupo de graciosas bailadeiras, seguidas dos correspondentes *mordangueiros*.

Animava a marcha uma música gentílica, cujo toque fazia lembrar, no conjunto, uma gaita de foles



GOA. Bailadeiras dançando no cortejo dum casamento hindú



GOA. O pagode de Bicholim

acompanhada de pandeiros.

Estralejavam panchões chinezes.

As portas e as janelas enchiam-se de curiosos. O rapazio acorria de todos os lados. E os europeus quedavam-se na sombra dos passeios.

De espaço a espaço, a música cessava de tocar e o cortejo parava, para dar lugar á dança das bailadeiras.

Elas então, voltadas para o cortejo, executavam, durante dois ou três minutos, um bailado caracteristico, cuja arte consiste mais nos gestos belos dos braços, mãos e dedos, do que nos movimentos elegantes das pernas e pés.

As suas vozes argentinas acompanhavam as danças, em cânticos dolentes, que lembravam o da Verónica nas procissões da Semana Santa, cânticos dum sentimentalismo lânguido, que exprime perfeitamente o temperamento mole e submisso da mulher oriental. E com êsses cânticos casavam-se os baixos gemidos das rabecas indianas e os surdos «tans-tans» das mordangas (tamborins tangidos com as mãos) que os irmãos das bailadeiras (mordangueiros) sentidamente tocavam.

Com uma enorme trunfa de pérolas falsas na cabeça, apoiando nos braços almofadados da cadeirinha os cotovelos e na mão direita a face, o noivo, rapagão dos seus 18 a 20 anos, com expressão séria no rosto e altivez no olhar, pretendia dominar a multidão do acompanhamento, impando de importancia e prazer, como se desempenhasse naquele momento o papel de rajá numa marcha triunfal!

Chegado que foi o cortejo a casa dos pais da noiva, tomou esta lugar noutra machila tembem enfeitada com panos de sêda carmezim. Ao vê-la senti uma comoção provocada pelo dó que me causava a sua inocência no meio daquela farça a que a sociedade ridiculamente a submetia.

Com efeito, era uma petizinha de 6 a 8 anos. Vinha ataviada com um rico pano de mulher, diadema de oiro a cingir-lhe o penteado, argola de pérolas no nariz e muitas outras jóias no colo e braços. Previamente ensaiada pela mãe, como suponho, conservava os olhos pudicamente baixos e bamboleava a cabeça, caida sôbre o peito, como faria uma galinha atordoada.

Com a mesma música e danças, voltou o cortejo para casa dos

pais do noivo, que d'ora avante ficavam encarregados de guardar a noiva até á nubilidade, em que lhe será permitido reunir-se ao marido.

A festa continuou em casa dos pais do noivo, ou, mais propriamente falando, no quintal, ao ar livre, sob um grande tôldo de lona, cuja sombra protegia dos ráios solares os convivas.

No recinto sombreado pelo toldo havia esteiras a tapetar o solo.

Aí se acomodaram os convidados hindús, postando-se todos de cócoras. Para mim arranjou-se uma cadeira de palhinha.

As «graças», como eu chamo ás mulheres hindus, essas afastaram-se dos homens, como manda a etiqueta oriental, agrupando-se recatadamente numa varanda proxima.

Tratando pelo epíteto de *graças* as mulheres hindus, eu não pretendo chasqueá-las; quero simplesmente fazer justiça á sua elegância, á sua cativante formosura, ao seu gracioso traje, invariavel, sim, mas sempre belo desde remotas eras. Se «as mulheres formosas são, segundo M. Williams, a miude comparadas na poesia hindu ao relâmpago que, como precursor da estação invernosa, se considera como objecto de desejo e admiração», não é, pois, para estranhar que a sua beleza fulmine o coração dum português. Tanto mais quanto é certo que elas são—oh ceos!—como a esposa do filho de Virassena, de lindas sobrancelhas, de belos cabelos, de bonitas ancas, de formosos peitos, de boca com primorosos dentes, e de magnificos e rasgados olhos pretos...(1)

Aos convidados foram servidos, sucessivamente, torrões de açucar, grão torrado, gotas de perfume lançadas sôbre o lenço de assoar de cada um, flores cheirosas de páti, rosas artificiais de papel, etc.

Entretanto, uma das bailadeiras mais formosas, esplendidamente vestida com panos riquissimos duma espécie de brocado de oiro e sêda de mimosas côres, e luxuosamente adornada com finas jóias, avançou para a frente da assembleia. Estabeleceu-se um silêncio respeitavel. As rabecas e os mordanguiz soltaram os seus primeiros acordes. E a bailadeira começou a exibir os seus bailados artisticos, cantando, ao mesmo tempo, em hindustâni, cânticos variados, acompanhada sempre, em surdina, pelos referidos instrumentos.

GOA. Dança de bailadeiras na procissão duma festa hindú, em Bicholim (Note-se á direita os "mordangueiros"

(1) «Historia de Nala e Damayanti» (Episódio do Mahabhárata) traduzido do Sanscrito, por R. S. Delgado. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1916.

É' de notar que, enquanto canta, a bailadeira não sorri; conserva no rosto uma expressão triste de profunda melancolia, que parece traduzir o sofrimento que lhe vai na alma, talvez revoltada contra a sociedade que fez dela não uma mulher, mas uma coisa que se vende, um simples instrumento de prazer efémero para o homem!...

Para o leitor poder apreciar a doce poesia que os cânticos das bailadeiras indianas encerram, não resisto á tentação de aqui lhe apresentar algumas canções, magistralmente traduzidas pelo insigne cantor da «Judia» (1)

Oiçamos:

«Damor aos braços flácidos,
delicias do prazer,
vem! goza! nesta alfombra!
tentam fragrância e sombra!
que és tu?...simples mulher!

Tanges a *Visnum*, requebras-te
em novos cantos e danças:
bailas sempre airosa e lânguida
e em tantas danças não cansas.

Damor aos braços flácidos,
delicias do prazer,
vem! goza! nesta alfombra!
tentam fragrância e sombra!
que és tu?... simples mulher!

Dize ao teu fio de pérolas,
dize, amor estremecido,
que pague damor a divida,
ao meu desejo insofrido.

Damor aos braços flácidos,
delicias do prazer,
vem! goza! nesta alfombra!
tentam fragrância e sombra!
que és tu?...simples mulher!

Estranha poesia esta, cheia de volúpia amorosa, de sensual embriaguez, que ignotos poetas indianos depositaram nos bocas quentes daquelas sacerdotizas do amor!

(Continúa)

M. Antunes Amor

(1) «Entre Palmeiras». De Pangim a Salsete e Pondá, por Tomás Ribeiro, Nova Goa. Imprensa Nacional. 1871.

PROBLEMAS COLONIAIS

MISSÕES LAICAS E RELIGIOSAS

COM estes titulo e sub-titulo publícou recentemente a *Manhã* o seguinte interessante artigo do sr. Henrique Costa, que com muito prazer vamos transcrever, precedendo-o das proprias palavras de que a *Manhã* antecedeu a sua publicação e explicam o seu aproposito:

O sr. dr. Henrique Trindade Coelho firmou ha dias na Manhã *um brilhante artigo no qual fazia, incidentalmente, a apologia das missões religiosas como instrumento de civilização das populações africanas e não deixava de afirmar que, em sua opinião, essas missões são as unicas, para tal efeito, uteis e eficazes. Desta opinião não é o sr. Henrique Costa, um moço estudioso e culto que, a proposito do que neste jornal foi dito pelo nosso ilustre colaborador sr. dr. Trindade Coelho, nos enviou a seguinte carta, que inserimos por nos parecer sempre interessante o debate sereno das ideias:*

Sr. Redactor de «A Manhã» —Tenho ante os meus olhos o artigo em que o sr. dr. Trindade Coelho, abordando o assunto das missões religiosas, diz perentoriamente:

1.º Que não sabe o que sejam missões laicas.
2.º Que, na opinião de um velho amigo, o missionario laico é uma especie de santo pandego.
3.º Que um missionario é um apostolo. Que como tal necessita de ser crente.
4.º Que ignora o que seja um crente laico, paradoxo risonho, carimbado pelo jacobinismo do Terreiro do Paço e remetido para as colonias em papel de oficio.
5.º Que a propria natureza das coisas *e a propria* sensibilidade das locuções *se encarregam de desfazer as missões.*

6.º *Que estas, no fundo, ainda representavam, no seu sectarismo atenuado, uma concessão às vociferações dos clubs hebertistas; e que assim, e efectivamente, não podiam deixar de cair por terra.* «Estão, hoje, mortas. Mortas em nome da justiça imanante e em nome do sentimento religioso. *Parce sepultis*, se por acaso o merecem».

Eis a parte do artigo que me interessa e a que vou responder.

* * *

Quem conhece a obra do Instituto de Missões Coloniais, de Sernache do Bomjardim e lê as conclusões a que chega o ilustre articulista, logo compreende que o dr. Trindade Coelho é, em que pese à sua profunda consciencia religiosa, *laico*—laïco (leigo) no assunto que com tanto espirito de *ultima analise*, apresenta como que arrumado, condenado e executado no seu foro intimo. Não sabe o ilustre publicista o que sejam missões laicas, e se isto pode supôr nele um exibicionismo de ignorancia que não é crivel, pode, realmente, tambem ser uma verdade. E se o sr. dr. Trindade Coelho *não sabe o que sejam missões laicas*, onde vai buscar a autoridade com que as condena? E para me libertar de duvidas, *ao deante lhe exporei* o que sejam missões laicas. Quanto ao velho amigo que considera o missionario laico uma especie de *santo pandego*, permita-me o sr. dr. Trindade Coelho que, à ligeireza de opinião dêsse velho amigo, juntei eu a minha possivel ligeireza de conceito a respeito do mesmo, de que o considero um santo... parvo. E isto não constitue injuria, dado como parvo é dado aqui na acepção de *pobre diabo no assunto*.

Pensa o dr. Trindade Coelho que um missionario é um apostolo e que, como tal, necessita de ser crente. Desnecessario será alongar-me em quaisquer considerações sobre tal frase uma vez, que eu e o dr. Trindade Coelho estamos de acordo. Não é o missionario laico—missionario? Não é um apostolo? Um crente? Que duvida, doutor? Não pode um homem ser missionario, missionando a civilização por um dado processo fugido a rotineirismo? Não pode ser um apostolo, um crente do fim ideal que o conduz? Mas, repito, é melhor não alongar, de contrario cairíamos na controversia sofistica dos termos, dado como, na verdade, ha quem, hilariantemente, pretenda filiar esses tres vocabulos (missionario, apostolo, crente), exclusivamente, faciosamente, na terminologia sacra... Ignora o nervoso tradicionalista (republicano por felicidade nossa!) o que seja um crente laico, que logo taxa de paradoxo risonho, carimbado pelo jacobinismo do Terreiro do Paço e remetido para as colonias em papel de oficio.

O meu amigo sr. Bourbon e Meneses é testemunha bastante que eu sou um crente laico e, suficiente testemunha já, tambem, de que me não denuncia isso qualquer precedencia jacobina, vinda do Terreiro do Paço ou, mesmo do Largo do Registo Civil, ou ainda de

qualquer outra parte. E, quanto aos missionarios que teem partido para a Africa, é risivel pensar que sejam... de papel de oficio! Sejamos tolerantes sr. dr. Trindade Coelho, que o *Boletim do Instituto de Missões Laicas* é a mais bela, continua documentação, que eu tenho lido, de uma tolerancia completa, aliada a uma pertinacia absoluta e fim ideal de uma ideia que se prossegue — e que não é simples miragem, imagem vã, no comum dizer poetico... O nervosismo do fulgurante jornalista-publicista atinge na quinta afirmação o acume da inconsciencia, e na sexta — *Bon Dieu de la France!* — desorienta-se de todo, e, á falta de melhor executor das suas reais ordens e desejos, o sr. dr. Trindade Coelho acaba, ele mesmo, talvez que de sociedade com o ilustre colonial sr. Jaime Teixeira, por matar com mão pouco cristã e tolerante o missionario laico, e só se declara satisfeito pondo-lhe por cima a pesada pedra tumular de uma inscrição latina, que reçuma a morte que tresanda. Que vem, realmente a ser isto de *a propria natureza das coisas* e a propria *sensibilidade das locuções* que, segundo a opinião do esfusiante articulista, se encarregam de desfazer as missões laicas?

Ponho-me a cogitar, pacientemente, e adrede se me sugere a suposição de que aquela *propria natureza das coisas* possa significar a inadaptação do condicionalismo moral, *religioso* etnográfico, psiquico, etc., do negro á elaboração civilizadora do aspecto laico; e se assim é, tambem disso trataremos adiante. Mas *a própria sensibilidade das locuções* — que quererá isto dizer *sacré Dieu!* Que malabarismo de fraseologia será este? Que argúcia profunda se conterá nesta frase diabolica? não atino...

Repito: é na sexta afirmação categorica do distinto jornalista *au style piquant* que as missões laicas aparecem mortas, em que pese ali ao alto comissario da Republica em Angola, sr. general Norton de Matos, que ainda ha pouco dava as mais claras determinações para que as mesmas se desenvolvam, se aperfeiçoem e sejam melhor subsidiadas... Quanto a dar-se o criterio laico no missionarismo africano como filho legitimo das congeminações dos clubs hebertistas não inclui discussão. Mais do que uma fantasia, é uma exteriorização morbida do sr. dr. Trindade Coelho, que constatei já viver na perseguição, certamente infundada, na fantasmagoria *clubista*, do *herbertismo* sectario e sanguinolento, dentro desta Republica, mera fazedora, afinal, de uma obra dispersa, precipitada, sobretudo incoordenada. E foi assim, nesta *degringolade* mental que o fulgurante jornalista, que é, indubitavelmente, o sr. dr. Trindade Coelho, chegou á conclusão, que a meus ouvidos sôa como um excruciante dobre de finados, de que as missões laicas estão, hoje, mortas, mas mortas — deuses de todas as crenças! — mortas em nome da *justiça imanente* e em nome do sentimento religioso, a que junta, por graciosa concessão, o tal *parce sepultis... se acaso realmente o merecem.* E assim, o sr. dr. Trindade Coelho, faciosamente, o menos cristãmente possivel, em nome do sentimento religioso, que aqui se revela, realmente, intolerante, deu morte violenta ao espirito laico...

Mas que não se assustem os que pertinazmente buscam um novo espirito! A tragédia que acabo de dar a publico é uma *fumisterie*... uma graciosa scena imaginativa, da autoria do distunto publicista sr. dr. Trindade Coelho, acolitado pelo ilustre colonial sr. Jaime Teixeira.

Confiado na paciencia de *A Manhã*, em proxima carta porei o publico bem a par da essencia e acção das missões laicas, afinal vivas e bem vivas.

Henrique Costa

* * *

Responde esta interessante carta a um artigo que, sobre missões, o sr. Henrique Trindade Coelho publicou no jornal da capital, *A Manhã*, que recentemente suspendeu a sua publicação.

A este artigo outros se seguiram, estabelecendo-se uma curta mas viva polemica, aliás em termos da maior correção, como de esperar seria de tão distintos contendedores.

Entendemos que não deviamos intervir na discussão, não só porque a defeza das missões laicas estava excelentemente confiada, mas tambem porque, sendo este boletim o orgão dessas missões, era nestas paginas que tinhamos o proposito de nos referir ao caso para reclamarmos sobre algumas inexactidões e reinvindicarmos para elas a justiça que o sr. dr. Trindade Coelho lhe negou.

Infelizmente, o *Boletim* teve de suspender a sua publicação e assim se foi a oportunidade das nossas considerações.

Para o que é sempre tempo é para a transcrição dos artigos do sr. Henrique Costa, que, nessa discussão e defrontando-se com um dos nossos mais distinctos escritores, se afirmou um vigoroso polemista, com ideias definidas sobre o problema da civilização, que versou com perfeito conhecimento do seu movimento e da sua moderna evolução.

Não é a primeira vêz que o sr. Henrique Costa vem á imprensa discutir assuntos que directa ou indirectamente se refiram a esse problema: ainda ha bem pouco tempo fez a analise duma entrevista do sr. bispo de Moçambique, em um interessante artigo que em breve aqui transcreveremos.

Ao distincto escritor fazemos os nossos cumprimentos e com mui vivo reconhecimento lhe agradecemos a defeza que tem feito desta causa e destes dois orgãos que devotadamente a servem — o *Boletim* e o Instituto.

MISSÕES ESTRANGEIRAS

LA MISSION ROMANDE

Ses racines dans le sol suisse romand — Son épanouissement dans la race thong

SUBORDINADO ao titulo que nos serve de epigrafe, acaba M. A. Grandjean de publicar em Lausanne um interessantissimo estudo historico sobre a Missão Suiça Romanda, abrangendo desde o periodo das primeiras tentativas até à actualidade.

Desenvolvimento da serie de lições professadas pelo autor em 1916, perante os alunos da Faculdade Livre de Lausanne, o trabalho de M. Grandjean é, para nós portugueses, particularmente interessante, não só porque desde 1882, a Missão Romonda vem exercendo a sua acção no distrito de Lourenço Marques, mas ainda porque nesse estudo se debatem alguns problemas de caracter geral que nos não podem ser indiferentes, na nossa qualidade de povo colonizador.

Pondo de parte os capitulos em que o auctor historia a preparação do terreno na Suiça Romanda e a extensão gradual da base da Missão na Europa, e ainda aqueles em que mais particularmente trata do Transvaal, cumpre-nos destacar como merecedores de especial mensão os que se referem à historia e à etnografia dos povos thongas (III e IV), os que descrevem a acção missionaria suiça em Lourenço Marques (VIII, XX e X) e, finalmente, os que se ocupam da Missão medica (XII), das Escolas e da literatura (XIII) e do Conflito entre a sociedade nova e a antiga (XIV).

Inteiramente livre de quaisquer preocupações sectaristas, é-nos grato confessar que a obra da Missão Suiça nos é particularmente simpatica, dado que a sua acção evangelizadora é, sem duvida alguma, por completo alheia a considerações de ordem material ou politica, a que nem sempre teem sido estranhas outras Missões estrangeiras estabelecidas no nosso ultramar e que, se nem em todos os aspectos da sua exposição podemos acompanhar o autor sem discordancias de pontos de vista, isso não prejudica de forma alguma a nossa calorosa homenagem ao desinteressado espirito de sacrificio dos missionarios suiços e, especialmente, à sinceridade de M. Grandjean, que não pretende ocultar os pontos fracos da acção missionaria nem manifesta no seu estudo a lamentavel intolerancia a que raro conseguem eximir-se os que em qualquer dos campos adversos, defendem ou combatem a necessidade e a utilidade das Missões religiosas especialmente em Africa.

Data de 1882 o primeiro estabelecimento da Missão Romanda em territorio português, por iniciativa de M. Creux, sendo a estação de Antioquia fundada em territorio do Magude pelo evangelista indigena Josefa. Até 1884 consegue a missão cerca de uma vintena de conversões,

mas a morte de Magude em 1885 produziu um movimento de retrocesso e a deserção quase completa dos recentes convertidos.

Só em 1887 e já depois de um certo exito obtido em Tembe, a Missão de Lourenço Marques passou o ser dirigida por pessoal europeu, fundando-se sucessivamente mais três estações missionarias com alguns anexos.

Em 1890, a estatistica da Missão acusava a existencia de 725 cristãos, entre batisados e simples catecúmenos, traduzindo as posteriores, até 1905, um progressivo aumento de conversões, que já nesta data atingiam o numero 1417. Em 1906 e 1907 produz-se um certo recúo, respectivamente para 1194 e 1101, fechando a estatistica de 1916 com um total de 2410 cristãos.

Para trinta e quatro anos de evangelização, não se pode dizer, com franquêsa, que estes resultados sejam extremamente animadores, tanto mais que, segundo o proprio autor confessa por mais de uma vez, a *instabilidade* das conversões é manifesta, atribuindo M. Grandjeam esse facto à «fraquêsa moral» dos indigenas, incapazes de resistir à influencia deleteria do meio ambiente, quer por deficiencia numerica de pessoal dirigente europeu, quer pela *incapacidade média* dos auxiliares indigenas, cujo recrutamento deixa, em regra, bastante a desejar; quer ainda pela *superficialidade* do movimento religioso provocado entre as populações, os indigenas, que (pag. 178) «dans un moment d'enthusiasme et d'émotion, sous l'influence des cantiques et des appels répétés, ont fait profession de christianisme» e que, em seguida, «éprouvent une surprise désagréable quand elles s'aperçoivent qu'elles ne peuvent plus se laisser vivre en se conformant au milieu ambiant, mais qu'il s'agit de réagir et de lutter contre ce dernier.»

Essa «fraquêsa moral» faz ainda com que o «desenvolvimento da consciencia indigena seja constantemente comprometido pela presença na região de numerosos grupos de *chrétiens au rebais*... que acham comodo manter o divorcio entre a religião e a moral e apregoar-se cristãos sem mudar de vida.»

Apreciando estes resultados e as suas causas, não sob o ponto de vista religioso do autor, mas segundo um criterio absolutamente neutral, como deve ser o da colonização moderna, quer-nos parecer que a Missão Romanda, apezar de, pela voz de M. Grandjean, concordar em que «il faut prendre garde de ne pas transporter dans la société africaine nos notions européenes, civilisées, disons même christianisées» (pag. 213), ainda não profundou suficientemente a psicologia do negro para ter reconhecido que essa «fraquêsa moral» de que se lastima é essencialmente a «ausencia de vontade» caracteristica da raça, quer como *vontade de iniciativa*, a que faz tomar qualquer decisão; quer como *vontade de execução*, a que faz perseverar e chegar ao fim na decisão tomada.[1]

Como todas as suas congeneres, a qualquer confissão religiosa a que eles pertençam, a Missão Romanda parte do principio de fazer do negro,

---

1 Cfr. P. Roekel = L'éducacion sociale des races noires. Paris, V. Giard & E. Brieu, edit. 1911.

antes de tudo, um cristão. Assim provoca-lhe o despertar da *vontade de iniciativa* impressionando-lhe principalmente os sentidos «sous l'influence des cantiques et des apels repétés» (pag. 178), mas, pela influencia da educação intensivamente religiosa. não só não lhe educa, como ainda lhe anula quaisquer rudimentos de *vontade de execução*.

Efectivamente essa educação religiosa não se traduz praticamente senão pelo desenvolvimento das naturais tendencias fatalistas do indigena, cujo cerebro rudimentar não compreende subtilesas filosoficas de determinismo e livre arbitrio e que, procedendo bem ou mal, crê proceder sempre segundo as disposições de uma vontade divina, à qual lhe ensinam a obedecer e que lhe prohibem de discutir.

A *educação social* do indigena, unica que verdadeiramente interessa à colonização moderna, dificilmente poderá pois ser a obra das missões religiosas, principalmente desde que estas, como o declara o autor referindo-se à Missão Romanda, tenham por objectivo criar, no seio da antiga sociedade pagã, «uma sociedade nova, essencialmente religiosa», e constituida «naturalmente sobre o tipo eclesiastico» (pag. 237).

Compreenderiamos que o autor, ao dizer «uma sociedade essencialmente religiosa», quizesse dizer «uma sociedade essencialmente cristã» sob o seu aspecto moral, porque isso seria logico e coerente com o espirito puramente evangelico da Missão Romanda, mas uma sociedade naturalmente constituída sobre o tipo eclesiastico» è que não percebemos como poderia coexistir com a sociedade civil, a não ser constituindo-se em Estado no Estado.

Felizmente este objectivo parece ainda longe de ter sido atingido no que respeita a Lourenço Marques, pois só no Transvaal, diz o autor, «as circunstancias obrigaram o missionario a ir ainda mais alem e a constituir, em diveras localidades, organismos civis rudimentares, assumindo *bien malgré lui* as funções de sindico e de juiz de paz»)pag. 238).

No entanto, cumpre-nos ficar de sobreaviso, porque «no litoral os cristãos ficaram mais misturados com a população e submetidos consequentemente à jurisdição civil dos seus chefes, mas um certo numero deles vieram todavia agrupar-se em torno dos missionarios, ou para ser protegidos contra as perseguições ou para escapar ao meio pagão, contra o qual se não sentiam capazes de reagir». Teóricamente — conclui o autor — podem ser invocados numerosos argumentos, quer em favor dos agrupamentos em *aldeias cristãs*, quer pela dispersão dos cristãos no mundo pagão; praticamente, serão as circunstancias locais que indicarão ao missionario qual será o melhor sistema em cada caso especial.

Praticamente, acrescentaremos nós, compete à autoridade administrativa em cada circunscrição civil impedir quaisquer tentativas de *aldeiamento* de cristãos indigenas, a titulo de simples medida de policia.

Esta manifesta discordância em que nos encontramos com as opiniões do autor, não significa por forma alguma que sejâmos irredutivelmente adversos às missões religiosas em Africa. Muito pelo contrario, desde que convenções internacionais nos impõem a obrigação de permitir e de proteger as missões religiosas estrangeiras no nosso ultra-

mar, cumpre-nos opôr-lhe, como único instrumento de nacionalização capaz de concorrer com elas, as missões religiosas portuguêsas [1].

Se o estudo de M. Grandjean não aprecia este inevitavel conflito com a sociedade civil civilizada, desenvolve contudo com bastante larguêsa o conflito entre a sociedade religiosa e a sociedade pagã. Esse conflito representa um problema para cuja solução «le missionaire n'aura pas trop de tout l'effort cérébral dont le rendront capable son intelligence naturele et ses études, sous la direction de l'Esprit de Dieu, pour établir les rapports eutre les deux esphères, determiner ce qu'il est légitime de laisser subsister, ménager les transitions là où elles seront possibles et décréter l'incompatibilité là où les principes evangeliques l'éxigent.»

Se neste modo de encarar a questão substituirmos *transições* por *transigências* e se, quanto às *incompatibilidades com os princípios evangelicos*, recordarmos «qu'il faut prendre garde de ne pas transporter dans le société africaine nos notions européennes civilisées. disons même christianisées» (pag. 243) terêmos um programa perfeito de penetração civilizadora no seio da sociedade gentílica.

M. Grandjean desenvolve este assunto com o espirito de tolerância de que dá largas provas em todo o seu estudo, mas não nos parece, no entanto, que distinga suficientemente entre *imoralidade* e *amoralidade*, na sua apreciação da sociedade gentílica.

A distinção não é ociosa, pois que, se uma deve ser combatida intransigentemente, com a outra são por vezes necessarias tolerancias, que a um *criterio europeu* poderão parecer excessivas, mas que o *criterio colonial*, preconisado pelo autor, compreende e justifica.

O interesse que nos desperta sempre o problema das missões religiosas em Africa, fez com que alongassemos já em demasia as considerações que nos sugeriu o excelente estudo de M. Grandjean, mas, antes de as rematarmos, não devemos deixar de consignar aqui a nossa homenagem aos serviços prestados pela Missão Romanda à assistência medica aos indigenas e ao desenvolvimento da instrução pública no distrito de Lourenço Marques.

Resumindo a nossa impressão sobre o livro de M. Grandjean, não temos duvida alguma em o considerar como mais um valioso subsidio para o estudo do interassantissimo problema que é o do chamamento das raças inferiores ao convivio da civilização.

Poderêmos discordar, como efectivamente discordâmos, de certos pontos de vista do autor, mas, por isso mesmo que os consideramos discutiveis, mais uma razão é para que recomendemos a leitura de *La Mission Romande* a todos os portuguêses que se interessam pelo estudo das questões coloniais.

A. Loureiro da Fonseca

1 A indole deste artigo não comporta o desenvolvimento do que sobre o assunto pensâmos. Diremos apenas que, segundo o nosso modo de vêr, as Missões religiosas portuguêsas deveriam ser subsidiadas e fiscalizadas pelo Estado. Quanto à orientação religiosa dessas missões, manifestamo-nos abertamente a favor das *Missões protestantes*, preferindo-as como melhor instrumento de moralização.

CORRESPONDENCIA

DAS

MISSÕES CIVILIZADORAS

Do Cuanhama ao Hoque

TRINTA DIAS ATRAVÉZ O SERTÃO AFRICANO

Outubro de 1921

A partida fora marcada para o dia 23.

Três dias antes chegára á Ompanda o carro *boer* conduzindo o pessoal que, sob a direcção do Ilídio, nos ia render, e dentro desse mesmo carroção, puchado a 10 juntas de bois, nós iamos marchar para o Hoque, a fundar uma nova missão, e onde nos aguardavam já o Adriano e a Judith. Eram as instruções recebidas.

Estes breves dias passou-os o nosso chefe a fazer entrega da missão e a dar instruções e elucidar sobre a marcha dos serviços a quem nos vinha substituir, e nós outros a prepararmo-nos para a partida, arrumando malas e ensacando alguns viveres para a longa viagem de quatro ou cinco semanas que iamos empreender atravéz extensos desertos e interminaveis florestas.

Manhã clara dos tropicos. O sol irrompêra limpido por entre a França dos *monhandeiros*, lançando rutilancias metalicas na folhagem lustrosa dos terebintos.

Uma aragem matutina, mixta de calidêz e brandura, agitáva levemente os leques das palmeiras esguias, desgrenhando as cabeleiras louro escuro da sua feltragem fibrosa.

Eu levantara-me mais cêdo. Queria gosar mais uns momentos a companhia carinhosa do irmão querido, que, por sorte, me fora substituir, após tanto tempo de ausencia, e eu ia novamente deixar, no cumprimento dum dever, sabe Deus por quanto tempo, após três breves dias de convivencia.

Entretanto, a partida chegára: era o momento das despedidas.

Tinha satisfação. Antegosava o prazer da viagem, atravéz o sertão, por muitos dias, semanas seguidas — vida aventureira e ambulante, chanas além, matagais em fóra, florestas insondaveis: a curiosidade do imprevisto, sensações novas, aspectos novos...

Mas tinha saudades.

Ficavam-nos ali naquelas modestas construções erguidas entre areias calidas, vincadas imperecivelmente, recordações do nosso esforço, do nosso trabalho, dos nossos sonhos durante quinze mezes,

em paragens tão distantes, nos confins da provincia, onde nos chamára a vóz sagrada do dever, para onde confiadamente nos enviára a Patria, como mensageiros da Luz e da Verdade e pioneiros da Civilização.

E tambem ali me ficava um irmão!...

Mas era forçoso partir. Abraços aos que ficam, umas ultimas caricias áqueles pretinhos que haviamos convertido ao amôr da Patria comum, e eis-nos dentro do carroção, instalados sob o toldo de lona que servia de teto ao nosso quarto ambulante.

E cá vamos em marcha, a caminho de N'giva, eu, minha mulher, o Alvaro e a irmã.

*

De Ompanda a N'giva são 9 quilometros, que nós já conheciamos desde a nossa ida para a missão.

Ali passámos as horas de maior calor, confiados á gentileza do sr. capitão-mór, de quem aceitámos um bélo almoço, que ele se dignou oferecer-nos com a maior gentileza.

A meio da tarde proseguimos na nossa viagem, inflectindo para nordeste e abandonando, assim, o trajecto da nossa vinda.

Vai, pois, começar para nós o desconhecido.

Uma duzia mais de quilometros percorridos e um bocado já pela noite dentro, parámos para descançar.

Ia-mos passar a nossa primeira noite em plena floresta africana.

Começámos então a pensar que esta aventura não devia ser isenta de perigos, não porque nos dominasse o receio de que alguma estrela nos viesse cair em cima, mas porque sem previa licença haviamos invadido dominios alheios, da variada bicharia da selva, de habitos pouco hospitaleiros e com o mau costume de não destinarem a noite ao sono e ao descanço.

Entretanto, tomada a refeição da noite e acêsas prudentemente as fogueiras em volta, os ruminantes iam pacientemente arrumando o farnel para o dia seguinte, e os pretos, deitados na relva, dormiam tranquilamente como uns justos.

Ora, devia ser assim: não ter mêdo. Falta de habito.

E desta forma reconsiderando, a fadiga e o sono foi vencendo os nossos receios e certo é que, momentos depois, dentro daquele palacio ambulante, todos nós dormiamos tão tranquilamente como os pretos, mal pensando e mal prevendo que daí a poucas horas teriamos um despertar algo violento e extranho, para padecermos todos as horas mais aflitivas e mais amargas que temos passado.

O mal vem donde menos se espera. E nós que nos deitaramos receiosos pela visita de alguma féra e contemplando a limpidêz e constelação do firmamento, acordámos ao ribombar duma medonha trovoada que para nós se dirigia, a mais medonha que em Africa temos suportado.

Foi horrivel.

Nunca vimos cair tanta chuva e tanto graniso. Dentro de breves

momentos as fogueiras salvadoras estavam apagadas, os bois tresmalhados e nós completamente encharcados.

Nunca sentimos uma trovoada tão proxima da terra: parecia que o choque se dava mesmo sobre as nossas cabeças, produzindo um estampido sêco, unico, ensurdecedor, imediato ao relampago, quasi sempre ao mesmo tempo que a faisca se precipitava em alguma das mais altas arvores da floresta!

Durou esta tormenta perto de duas horas, que nós julgámos serem as ultimas da nossa existencia e que só por milagre o não foram.

De repente, porem, começa a levantar-se uma ligeira viração, aumentando de minuto a minuto, como que varrendo o firmamento para receber a aurora que além começava a despontar: em minutos a tempestade cessou, e pelo espaço fóra lá iam fugindo as nuvens prenhes de electricidade, como que envergonhadas dos disturbios que haviam feito naquela noite de trêvas.

E, quando, daí a pouco, o sol despontou no horisonte, veio ainda encontrar-nos no mesmo sitio, enxugando a roupa e recompondo-nos para continuar a viagem em que áquela hora já deviamos ir mais adeantados, senão fôra o contratempo daquela noite, para nós de bem triste lembrança.

*

Tomada uma chavena de café, logo nos pozemos em marcha, em direcção a Balunganga, onde chegamos a 25, já noite adeantada.

O terreno é ainda plano e pouco povoado. Só de longe em longe uma mui ligeira elevação com alguma pequena chana proxima.

A vegetação começa a animar-se levemente de N'giva para cima, sobresaindo o *munhandeiro*, o *gongoeiro* e a figueira brava (*mukuio*), arvores seculares e estupendas, que a sua inutilidede eternisou.

Pelo caminho iamos encontrando muitas caveiras e ossos varios de esqueletos humanos!...

Restos macabros da ultima fóme. Pobres pretos que para ali caíram de inanição sem o ultimo carinho duma sepultura!...

No dia 27, de manhã, chegamos á Mongua, o mais pitoresco sitio do pais dos Cuanhamas e tambem o mais lindo e mais bem cuidado posto militar daquela região, graças ao zêlo e bom gosto do seu comandante, o sr. alferes José Alves Ribeiro, na amavel hospitalidade de quem passámos esse dia, deliciando-nos nos seus bélos mamões, como não ha melhores melões na Europa, e em excelentes figos que com os da Europa podem rivalisar tambem.

Foi ali que na guerra de 1915-1916 alcançamos a mais decisiva victória sobre as forças do Mandumbe, o mais terrivel potentado dos Cuanhamas. Lá existe um modesto monumento comemorativo do feito.

No dia seguinte, de manhã, proseguimos na viagem, depois de termos declinado com muito reconhecimento o amavel e insistente convite do ilustre comandante do posto para que ali descançassemos mais um dia.

Antes tivessemos aceitado!

Poucos quilometros andados, eis-nos surpreendidos por uma violenta tempestade, que nos obrigou a parar e a passar o resto do dia e a noite novamente em plena floresta.

Decididamente, não andavamos bem com os elementos.

De madrugada lá podemos seguir viagem com destino ao *Forte Roçadas*, onde chegamos alta noite, após uma longa marcha em que ganhamos o tempo que a tempestade nos obrigára a perder!...

No dia seguinte fomos amavelmente recebidos pelo sr. comandante do posto, que nesse dia se dignou ter-nos como seus hospedes.

A' tarde fomos aos peixes pelo Cunéne acima. Por distração e utilidade. As margens estavam povoadas de jacarés, que nós iamos alvejando á bala, sem estragos de maior, está claro.

Já iamos longe e o sol começáva a declinar, velado por nuvens muito densas e escuras, que me pareciam de mau presagio.

Eu, que já andava escarmentado de trovoadas, comecei a apressar e a insistir pelo regresso, agora em canôa, rio abaixo, mas ninguem tinha pressa. Riam-se dos meus sustos. Que não era nada.

Não era!...

Mas 10 minutos depois estava sobre nós uma medonha trovoada, que devia ser a mesma ou especie ainda mais aperfeiçoada da que nos *distraira* na floresta de N'giva.

Não era nada...

Mas num momento nós todos estavamos encharcados e tinhamos de parar em pleno rio, tão copiosa era a chuva e tão impetuoso era o vento.

O barco a encher-se de agua pela que metia e pela que dentro dele caia, e nós todos a despeja-lo, para não ir-mos para o charco, porque, se fossemos, ali em volta, alguns jacarés andavam já prontos a recolherem-nos em suas amfibias entranhas!...

Na margem dois daqueles *figurões*, abrindo de vêz em quando uma grande bôca, uma bôca enorme que me fazia calafrios!...

E eu ia dizendo com os meus botões: — «estou aqui estou a passar a noite ali dentro, naquele bandulho.»

Alguem a meu lado, como que adivinhando o meu pensamento, acrescentou: — «e estavas, de vêz, livre de trovoadas!» Esta gracinha feminina despertou-me: depois que dera com os dois bichinhos a mostrarem as guélas, nem já ouvia os trovões nem dera por estar encharcado até aos ossos. Nunca engracei com tais animais.

E não era nada!

Daí a bocado — nem eu sei quanto nem por que milagre — lá puzemos pé em terra, junto do Forte.

No dia seguinte, de manhã, estavamos já frescos e prontos para a marcha, que não recomeçamos sem aceitarmos mais um almoço á extrema amabilidade do sr. comandante, desta vêz todo de peixe — o que tinhamos pescado na vespera — ao ar livre, na margem direita do Cunéne.

O sitio é que não me agradou muito. Os jacarés...

Concluido o almoço, dali mesmo seguimos em direcção ao Humbe, onde chegámos nessa mesma tarde.

*

O Humbe é uma terra já bastante movimentada e com bastante população branca.

Dá a ideia duma aldeia portuguesa, talvês já com manifestações de decadencia.

A população indigena parece ir debandando, acossada pela fome, pois nos ultimos anos teem sido irregulares as chuvas nesta região.

E ano de seca é ano de fome!

Ali fomos excelentemente recebidos pelo sr. administrador da circunscrição, pelo medico e por alguns onciais.

Pouco nos demoramos: nessa mesma noite seguimos para Cataquéro, região de leões e outras féras.

Dali por deante, seis dias de sertão, até que alcançámos o posto civil da Coama, depois de termos atravessado o rio do Humbe e o Chicuço.

Do Humbe para cima, sobretudo depois de passada a floresta de Béla-béla, célebre velhacouto de leões, a paisagem começa a diferir muito da do Cuanhama, embora se vejam ainda grandes extensões povoadas de espinheiros.

Mas é só passado o Caculovar, rio abundante de agua e peixe, com alguns jacarés, mas só nos *fundões*, que o terreno começa a ser acidentado e com os primeiros afloramentos de montanhas.

Atravessámos este rio em 6 de novembro, e seis dias depois, em 12, chegámos aos Gambos, depois de termos passado junto do célebre e escalvado morro de Tongo-tongo, inexpugnavel habitação de centenares de macacos.

A povoação dos Gambos assenta em um pequeno planalto, donde se descobre já a serra da Quiita e as vertentes da Chéla. Ali fomos mui agradavelmente recebidos pelo sr. administrador.

Dali saimos em 13, e três dias depois estavamos na Quiita, sitio montanhoso, arborisado e fertil, e tão agradavel que ali nos demoramos um dia.

Em marcha no dia seguinte, dois dias depois, em 19, entravamos na Chibia.

*

Chibia é uma povoação perfeitamente europeia — grande, bonita e com muita população branca — que muito nos encantou.

Mas o que nela mais nos agradou foi o termos vindo ali encontrar, com viva surpresa, o João Mesquita, o nosso saudoso companheiro do Colegio das Missões, quando ainda seminario, e que, com mais vocação para a musica do que para a teologia, resistiu á sina de ser padre, e ali o viemos encontrar casado com uma excelente senhora e pae duma interessante e esbelta criança, naquelas paragens, a administrar a circunscrição.

O João Mesquita! Com que prazer nós o encontramos, naqueles

confins da Africa, após 25 dias de viagem pelo sertão africano, através planices interminaveis, florestas insondaveis, padecendo inclemencias e iutempéries, e com que iniludivel alegria êle tambem nos abraçou e recebeu em sua casa!

E com que prazer tambem as minhas boas companheiras, sempre alegres e bem dispostas na sua mocidade de pouco mais de 20 anos, encontraram, emfim, uma senhora com quem conversar em coisas que só élas compreendem e só a élas interessam.

A vida de estudante liga-nos por laços dum afecto especial que jámais se quebram.

Volvam-se os anos, mudem-se as situações, encontrem-se dois companheiros de escola, e a nossa memoria e o nosso carinho começa logo a invocar, com saudade e ternura, esses dias que não voltam mais, mas nós proprios a pensarmos que os estamos vivendo e que a essa mocidade regressámos impunemente!...

João Mesquita proporcionou-nos todas as facilidades, animando-nos com palavras cheias de incentivo e de viva fé patriotica. Foi com comoção e saudade que no dia seguinte o abraçamos, e deixamos a béla Chibia, passando á Huila, a caminho do Lubango, onde chegamos tres dias depois, a 23 de novembro.

Fazia precisamente trinta dias que haviamos deixado Ompanda, andando em média 20 quilometros por dia.

Ali nos demoramos até 1 de dezembro, fazendo os necessarios preparativos afim de seguirmos para o nosso novo destino.

Nesse dia partimos para o Hoque, onde chegamos a 3 de dezembro.

Daqui escrevo estas desataviadas notas de viagem, sem pretenções e sómente destinadas ao senhor director.

Exclúo delas qualquer referencia a sacrificios e privações que por lá passamos, que alguns foram. Mas nem um momento de desanimo tivemos, nem uma hora de quebrantamento nos abalou, nem a nós, homens, nem ás nossas jovens companheiras, que com tão admiravel abnegação e patriotismo trocaram a vida facil e alegre da sua terra por esta existencia de devoção, não menos béla e bem mais util para quem tem o sentimento do dever e o culto da Patria e para quem tem a nobre aspiração de subir um pouco acima da vulgaridade. Essas senhoras veem de percorrer 600 quilometros de sertao africano e estão aqui, a 100 quilomntros do Lubango, a ensinar pretinhos e a tratar enfermos...

Aqui nos encontramos, pois, dentro do terreno que nos destinaram para a nossa nova missão, onde a nossa actividade vae continuar a exercer-se com fé e entusiasmo, firmando o nosso nome e honrando e engrandecendo esta instituição, e servindo a Patria com o esforço e dedicação que lhe devemos.

Manuel Correia da Silva

Da Missão «Candido dos Reis»

Da Missão "Patria"

Como já disse a v. em meu oficio n.º 25, ha muito que eu vinha reconhecendo a conveniencia de transferir para melhor sitio, mais para o interior, a séde da missão, ficando aqui, claro é, uma sucursal. O ponto estava em acertar com o local.

Por lá andei em explorações com o Leão e com o agricultor, sr. Ramiro Ribeiro da Silva, que fez o favor de nos acompanhar durante uma semana.

Parece-me que encontramos um bom sitio.

Fica na margem direita do rio Inharrime: tem dois *machongos*, boas terras altas e muitas madeiras de tule, monjú, séne e outras.

O sr. administrador, a quem comuniquei os meus planos e a minha escolha, deu-me logo as suas boas disposições em nos auxiliar, prometendo acompanhar-me ao local, afim de julgar da nossa escolha, promettendo desde logo mandar rapidamente fazer as instalações provisorias se éla viesse a merecer a sua aprovação.

Lá fomos, emfim, no dia 20. Concordou.

MISSÃO "PATRIA" -- Regulo de Quissico e seus Indunas

(Cliché C. Teixeira)

Por isso, para lá partimos logo no dia 22, eu e o Leão, a darmos início aos trabalhos preparatorios.

O local é situado em pleno mato, redeado de floresta cerrada, por todos os lados. Já limpamos uns três hectares, e, logo que a parte que dá para o rio Inharrime esteja toda desafogada, construiremos um barracão de habitação, para onde mudaremos sem demora.

Não precisamos de fazer terraplanagens, o que representa uma grande economia de tempo e dinheiro. Terras não nos faltam.

O sr. administrador, que é homem pratico, ficou satisfeito com as terras de *machongo*, afirmando-me que nelas poderemos cultivar tudo —milho, arrôs, feijão, batata, hortaliças, etc.

As terras altas são boas e proprias para a mandioca, amendoim e feijão cafreal e para arvores de fructo — pecegueiros, amendoeiras, laranjeiras, etc.

Estou, pois, deveras satisfeito. Parece-me que acertámos.

O sr. administrador prometeu-nos o seu auxilio, que bem preciso nos ha de ser e sem o qual pouco ou nada poderiamos fazer, em vista dos pequenos recursos de que dispomos.

Com o de v. conto tambem

Para lá parto ámanhã, com minha esposa e minha filha. Ali nos demoraremos uns oito dias, dormindo numa barraca de campanha que nos emprestou o sr. administrador.

Aqui, em Dackalo, ficará uma sucursal com o Oliveira e a Ermelinda.

O Sousa e a esposa, se v. concordar na sua transferencia, irão fundar uma outra sucursal em logar por mim já escolhido, tambem junto do rio Inharrime, destinada sem duvida a um largo futuro, excelente campo de acção para o Sousa, e as senhoras que o acompanham poderem valorisar as suas faculdades de trabalho.

*

29-5-922

Comunico a v. que no dia 29 de abril transferimos, finalmente, a séde da missão para o local a que se referem as minhas ultimas comunicações.

E' ainda no regulado de Zavála, terras do Cabo Nhambel.

Ficamos a uns 18 quilometros da Administração e a 25 de Dackalo, onde estavamos.

Com esta mudança concurdou o actual sr. administrador e s. ex.ª o governador, que no dia 10 de abril honrou esta missão com a sua visita.

Fiz-lhe por escrito um resumo da historia da *Patria*, expondo-lhe as suas necessidades mais urgentes, fazendo acompanhar esta exposição dos mapas do movimento escolar e da ambulancia.

Mostrou-se bastante interessado pela causa das missões, que prometeu auxiliar.

Em Dackalo deixei uma sucursal confiada ao agente Luís de Oli-

veira e a sua esposa. Ficou lá provisoriamente o agente Joaquim José de Sousa e sua esposa e a auxiliar Etelvina, até que se façam as instalações em Guilundo, ainda circunscrição de Zavala, onde vão fundar a sua sucursal.

Desta missão central ficam fazendo parte, alem de minha esposa, os agentes Antonio dos Santos Leão e esposa, e os auxiliares Antonio José Alves e Maria da Gloria.

Estamos vivendo provisoriamente em palhotas até que estejam prontos 3 barracões, já em construção, e um dos quais deve ficar concluido dentro de 15 dias.

A'manhã abriremos a escola com 20 alunos, jà inscritos, e mais teriamos se tivessemos dinheiro para alimentação e vestuario.

Mas não temos.

Triste miseria que tanto nos embaraça e entorpece a acção!

Veja v. se aumentam as dotações, pouco que seja, e verá como as missões se transformarão e engrandecerão.

MISSÃO "PATRIA" Palhotas da Administração de Zavala

(Cliché de C. Teixeira)

Não nos falta fé, nem entusiasmo, nem disposições de trabalho.

Porque não nos hão de proporcionar os necessarios meios para tornar mais produtivo esse trabalho, para maior estimulo de todos nós e sobretudo para honrar e pôr em relevo o esforço e a acção civilizadora da Republica?

Olhem os governos com olhos de vêr para este magno problema.

Não somos exigentes, não queremos comodidades e luxos. Queremos apenas que nos auxiliem e protejam nesta nossa aspiração de fazermos das nossas missões alguma coisa de util para a causa e honra para a República.

Estimule-os v., que bem sabe que pode contar com a nossa dedicação até ao sacrificio.

Muitos cumprimentos a todos os meus colegas e saudades minhas para todos desse Instituto.

E com toda a consideração me subscrevo de v., desejando-lhe

Saude e Fraternidade

O chefe da missão «Patria»

Candido da Silva Teixeira

Da Missão "Candido dos Reis"

Sr Director:

Ompanda, Novembro de 1921.

Eis-me finalmente em Ompanda, nos confins da Africa Portuguesa e parece-me que, se mais Africa tivessemos mais Africa eu correria.

Centenas de quilometros andados. Julguei que não parava.

Mas estou satisfeito. As missões não foram creadas para ficarem no litoral, e necessario é mesmo desmentir essa acusação que os seus detractores, em previsão gratuita, lhes fizeram.

Com os auxiliares que me acompanharam tratei logo da instalação das oficinas.

Tenho já a funcionar as de serralheiro e funileiro, sob a direcção do auxiliar Anibal Ferreira; a de alfaiataria e roupa branca, dirigida pela Leticia e a de carpinteiro e encadernador que ficaram provisoriamente a meu cargo, tendo, por isso, de funcionar alternadamente. Urgente é, pois, mandar-me daí um auxiliar carpinteiro, com as necessarias ferramentas, pois as poucas que aqui tenho estão em pessimo estado.

E, além disso, um agente, que me é absolutamente indispensavel.

V. compreenderá bem que tanto trabalho é excessivo para um homem só.

Dirigir, orientar, e fiscalisar as oficinas, fazer curativos, dirigir a enfermaria e cuidar a escola são serviços que excedem a capacidade trabalhadora dum homem.

A concorrencia ás oficinas é já grande. O cuanhama, na sua quasi totalidade, dedica-se á pastoreação, mas a oficina começa a seduzi-los e a atraí-los. Trabalham com gosto e interesse. E não são desageitados.

Eu penso em fazer da oficina uma grande escola de português pratico, de melhores resultados que a aula de ensino teorico, que é de resultados mui morosos e pouco perduraveis. E fatiga o indigena.

Não imagine que estou a encarecer serviços ou a gabar-me, sr. director. Falo a verdade, que a v. deve ser dita como éla é.

Eles começam por saber, e terem necessidade de saber, os nomes dos diferentes instrumentos de uso e dos diferentes actos de oficio, que êles não podem substituir por termos seus, que não teem.

E para usar essas expressões e significar esses actos, carecem de empregar os termos portugueses de uso vulgar.

Por curiosidade e por necessidade. E sem enfado.

E esse português que êles aprendem, sem aula teorica e na pratica da oficina, não esquece: teem de emprega-lo na vida pratica.

Tenho uma grande confiança neste aspecto da nossa acção civilizadora — o trabalho das oficinas.

O que aqui tem feito um grande sucesso é o meu trabalho de enfermaria e curativos. Tenho sido duma felicidade extraordinaria, sobretudo no tratamento de febres e curativo de feridas.

Levo exgotadas as minhas reservas e por isso a v. peço uma nova remessa, segundo a nota que em folha solta envio.

Uma vez por semana, pelo menos, deito a caixa da ambulancia ás costas e vou-me por esses campos fóra, percorrendo os *tchilongos* onde sou chamado para tratar doentes que não se podem arrastar até á missão. Tenho realizado verdadeiros milagres, conquistando para a missão um renome que me enche de orgulho.

Até eu, ás vezes, me admiro do resultado das minhas aplicações.

Quando vierem o auxiliar e o agente que peço e os medicamentos que indico na relação, já então me poderei dedicar mais não só á enfermaria, mas a trabalhos scientificos, de estudos da fauna e da flora.

De geologia pouco ha a estudar nos Cuanhamas, mas é indispensavel estudar as condições climatericas da região, pensando, por isso, em montar um posto meteorologico.

Já pedi para Loanda os necessarios aparelhos.

Oxalá m'os mandem!

Como v. vê, vou empregando bem o meu tempo. Não tenho estado ocioso nem penso em cair em ociosidade.

Esta região ressente-se ainda muito da influencia das missões alemãs, que aqui estavam antes da guerra.

Essa influencia é terrivel porque era exercida expressamente contra a nossa soberania, com muitos recursos, com incansavel persistência e sem escrupulos de meios.

Não era uma obra civilizadora, mas uma deleteria propaganda, em campanha odiosa contra nós, como que feita de empreitada.

Fructificou, deixou raizes, não haja duvida. Dificil ha de ser a sua extinção. E demorada.

Tanto mais que um dos missionarios que aqui esteve, parece que o chefe, apareceu ha pouco no Molúlo, ao norte do territorio inglés, aonde vão visita-lo muitos indigenas, graduados e não graduados, que ele, com dadivas e persuasões, vai continuando a instigar contra nós.

Mas a geração nova, não: essa ha de pertencer-me e á nossa missão, com segurança e sincera afeição.

Hei de fazer de cada indigena um amigo da missão — um português de alma e coração e orgulhoso da sua patria!

Assim eu tivesse meios.

Tenho fé que os hei de ter.

Muito espero da proteção do sr. governador e de s. ex.ª o Alto Comissario, que esta colonia está transformando por forma admiravel, tomando iniciativas e orientando a sua acção com o criterio inteligente e a largueza de vistas dum grande homem de estado.

Nem v. calcula, sr. director, o que tem produzido a actividade do Alto Comissario e como a sua acção se ressente e revéla em todos os serviços e vem soerguendo esta nossa enorme provincia, do estado em que existia, senão de decadencia, pelo menos de apatia.

Sem tambem duvidar que o problema da civilização e missões lhe ha de merecer alguns cuidados e algumas providencias, e sem duvida que élas trarao o cunho do seu inteligente critério e serão de molde a satisfazer as nossas aspirações que, de resto, são tão modestas como legitimas e patrioticas.

Só pedimos que nos deem os meios de melhor aproveitar e tornar mais producivo o nosso trabalho e a nossa dedicação, para fazermos desta missão uma grande missão e das missões uma instituiçao que possa com utilidade realizar o seu objectivo e honrar os compromissos de Portugal.

Estou disposto, estamos todos dispostos, a trabalhar com fé e a melhor vontade.

Mas isso nao chega. E' apenas um bom elemento de acção. Carecemos de meios.

A dotação da missão, exigua como é, só serve para inutilizar o nosso esforço e quebrantar o nosso entusiasmo.

Decerto assim o compreenderá o sr. General Norton de Matos.

Bem sei que não podemos reclamar nem ter os extraordinarios recursos de que dispunham as missões alemãs que aqui estavam.

Mesmo porque elas nao eram missões de civilizaçao. Não tenhamos ilusões. Eram missões de conspiraçao contra nós e contra a nossa soberania.

Vinham, por isso, bem *habilitadas* a realizarem com exito e rapidamente o seu objectivo. Bastante fizeram, e os resultados da sua deletéria acçao, nós temos de inutilizar com o nosso trabalho, que não pode nem deve exercer-se em condições de inferioridade nem em termos deprimentes para o prestigio da nossa nacionalidade.

Por esse motivo estara em tóco esta missão, mas não temos de que nos arreceiar. Tenha confiança no noso trabalho e no nosso criterio. Deem-nos o auxilio que esta missão merece, que muito é, pois, que alem da rehabilitação do nosso prestigio e da consolidaçao da nossa autoridade,, uma grande obra de civilização éla tem a realizar nésta região de populaçao assás densa e que, agitada por contínuas rebeliões e castigada por uma dura guerra, nós carecemos de atrair a nós e dentro dela lançar os beneficios da civilização.

Muito podemos aqui fazer, muito havemos de fazer, sr. director.

Convença disso o sr. Governador e s. ex.ª o Alto Comissario, e verão como esta missão, que tem o nome saudoso de Candido dos Reis, será um organismo que honrará essa memoria e bem servirá a Patria. Envio-lhe as minhas saudações, e do coração lhe desejo

Saude e Fraternidade

Ilídio Correia da Silva Dias

(Da missão *Candido dos Reis*)

LEGISLAÇÃO PORTUGUESA SOBRE MISSÕES

Alto Comissariado da República

PORTARIA PROVINCIAL N.º 53

Convindo desenvolver a acção das missões civilizadoras, levando a assistencia moral e material que elas poderão prestar, junto das populações indigenas mais distantes do centro de civilização;

No uso das atribuições que incubem ao Govêrno Geral, pelo artigo 4.º do decreto n.º 85, de 20 de Dezembro de 1921 do Alto Comissario da Republica:

O Alto Comissario da Republica e Governador Geral de Angola, determina:

1.º São criadas na Provincia quatro missões civilizadoras laicas que deverão estabelecer-se:

Uma missão no distrito do Congo, com séde na circunscrição civil de Damba;

Uma missão no distrito de Lunda, com séde na capitania-mor do Cassai-Norte;

Uma missão no distrito do Moxico, com séde na circunscrição civil do Alto-Zambeze;

Uma missão no distrito do Cubango, com séde na capitania-mor do Cuando.

2.º A área de civilização que incumbe a cada missão, nos termos do § 1.º do artigo 4.º do decreto n.º 85, de 20 de Dezembro de 1921, estender-se ha á dos respectivos distritos, para as missões da Lunda, Moxico e Cubango, limitando-se ás divisões administrativas do Bembe, Pombo, Damba e Cuango, a que respeita a missão do Congo.

3.º Cumpre aos Governadores do distrito proceder aos necessarios inquéritos para a escolha dos locais onde deverão instalar-se as sédes das missões, enviando as suas propostas ao Govêrno Geral, por intermédio da Secretaria de Colonização e Negocios Indigenas.

4.º O disposto nesta portaria deverá ter inteira execução dentro do futuro ano economico de 1922-23, sendo para este efeito incluidas nas respectivas tabelas orçamentais as verbas necessarias para instalação e manutenção das missões.

Cumpra-se.

Residencia do Governo Geral de Angola, em Loanda, 10 de Março de 1922.

O Alto Comissario da Republica e Governador Geral,

José Mendes Ribeiro Norton de Matos

PORTARIA PROVINCIAL N.º 58

No uso das atribuições que incumbem ao Govêrno Geral pelo disposto nos artigos 4.º e 5.º do decreto n.º 85, de 30 de Dezembro de 1921, do Alto Comissariado da República:

O Alto Comissário da República e Governador Geral de Angola, determina:

1.º E' transferida para o Mossolo, na circunscrição civil do Songo, a séde da Missão «5 de Outubro» que se acha instaurada na Pamba.

2.º Subordinadas á Missão «Cândido Reis», com séde na Ompanda, são estabelecidas duas sucursais que terão as respectivas sédes no Hoque, área da circunscrição civil do Lubango, e na Humpata.

3.º A sucursal da Humpata deverá estabelecer-se na Escola-Oficina «Capitão Aviador Oscar Torres».

4.º A área de civilização que compete á Missão «5 de Outubro» abrange todo o distrito de Malange.

5.º A área de civilização que compete á Missão «Cândido Reis» e suas sucursais abrange todo o distrito da Huila.

6.º A colocação do pessoal nas sucursais será feita em harmonia com o preceituado no n.º 1.º da portaria provincial n.º 4, de 4 de Maio de 1921.

Cumpra-se.

Residência do Govêrno Geral de Angola, em Loanda, 11 de Março de 1922.

O Alto Comissario da República e Governador Geral,

José Mendes Ribeiro Norton de Matos

DECRETO N.º 77

Considerando que, estando pela Constituição Politica da República Portuguesa garantida a liberdade de todos os cultos, cumpre todavia ao Govêrno da Provincia, como direito de soberania, regulamentar e fiscalizar a acção das missões de propaganda religiosa, de forma a velar pela segurança e ordem pública, e a garantir a manutenção dos preceitos do direito constitucional português,

Incumbindo ao Govêrno Geral promover o melhoramento das condições materiais da vida dos indigenas, o aperfeiçoamento das suas aptidões e faculdades naturais e, duma maneira geral, a sua instrução e progresso;

Tendo ouvido o Conselho Executivo; e,

Usando das faculdades que me são conferidas pelas leis n.ºs 1:005 e 1:022 respectivamente, de 7 e 20 de Agosto de 1920;

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Nenhuma missão de ensino e propaganda religiosa poderá estabelecer-se na Provincia de Angola sem prévia licença do Governador Geral, requerida com indicação do local onde pretende instalar-se, e obrigando-se:

1.º A provar que os seus membros são ministros da religião que professam ou auxiliares da missão;

2.º A submeter á aprovação do Governador Geral o programa civilizador que se propõe executar;

3.º A ensinar a lingua portuguesa;

4.º A não ensinar qualquer lingua estrangeira;

5.º A ministrar aos indigenas o ensino profissional ou agricola em harmonia com a legislação em vigor na Provincia;

6.º A auxiliar a assistencia indígena sob o ponto de vista da higiene e tratamento de doenças;

7.º A não exercer, directa ou indirectamente, o comércio, não se entendendo como tal a venda ou disposição dos produtos do trabalho da missão;

8.º Enviar anualmente ao Governador do distrito um relatório sôbre o movimento das escolas e oficinas e das enfermarias da missão, quando as houver, trabalhos realizados e seus resultados e beneficios colhidos da acção da missão.

Art. 2.º Não é premitido ensinar nas escolas das missões linguas indigenas,

Art. 3.º O uso da lingua indigena só é premitido em linguagem falada na catequese e, como auxiliar, no periodo do ensino elementar da lingua portuguesa.

§ 1.º E' vedado na catequese das missões, nas suas escolas e em quàisquer relações com os indigenas, o emprêgo das línguas indígenas por escrito ou de outra língua que não seja a portuguesa, por meio de folhetos, jornais, folhas avulsas e qnaisquer manuscritos.

§ 2.º Os livros de ensino religioso não são premitidos noutra lingua que não seja a portuguesa, podendo ser acampanhado o texto português de uma versão paralela em língua indigena.

§ 3.º O emprêgo da línguagem falada a que se refere o corpo deste artigo e o da versão em língua indígena, nos termos do paragrafo antecedente, só são premitidos transitóriamente e enquanto se não generalize entre os indigenas o conhecimento da lingua portuguesa, cumprindo aos missionarios substituir sucessivamente e o mais possível em todas as suas relações com os indigenas e na catequese as linguas indígenas pela lingua portuguesa.

Art. 4.º As disposições dos dois artigos antecedentes não impedem os trabalhos linguisticos ou quaisquer outros de investigação scientifica, reservando-se, porém, o Govêrno o direito de proibir a sua circulaçã quando mediante inquérito administrativo, se reconhecer que ela pode prejudicar a ordem pùblica e a liberdade ou a seguraança dos cidadãos e das populações indígenas.

Art. 5.º As missões não poderão constituir sucursais ou escolas entregues a nativos ou encarregar nativos da obra da catequese de propaganda religiosa sem que êstes nativos estejam munidos do competente bilhete de identidade passado pelo respectivo administrador ou capitão-mor e tenham sido apresentados pelo superior da missão.

§ 1.º Quando se tratar de secursais com escola não poderá ser passado o bilhete de identidade sem que o professor nativo saiba falar português.

§ 2.º O bilhete poderá ser retirado quando haja infracção ao disposto nos artigos 2.º e 3.º ou quando o administrador ou capitão-mor reconheça que a acção do professor ou do encarregado da cataquese é inconveniente á segurança e ordem pública, devendo ser previamente ouvido o superior da missão e o interessado.

§ 3.º Da recusa do bilhete de indentidade ou da sua cassação há recurso para o Governador do distrito, que resolve em última instância.

Art. 6.º A's missões religiosas serão dadas as seguintes vantagens :

a) Uma concessão gratuita até 50 hectares de terreno, ficando as missões estrangeiras sujeitas ao que sôbre estrangeiros dispõe o regulamento das concessões de terrenos do Estado na Provincia de Angola ;

b) Corte gratuito de madeiras nas matas do Estado para edificações e quaisquer construções, incluindo mobiliário, para uso exclusivo das missões e suas dependencias ;

c) Um subsidio anual de 3:000$00 a cada missão que tenha em servico permanente um professor europeu, missionario ou não, que possua as condições e habilitações necessarias para bem ensinar a lingua portuguesa ;

d) Um subsidio anual de 360$00 por cada escola rural permanentemente regida por um professor nativo com as habilitações que forem exigidas para os professores nativos a que se refere o decreto n.º 15, do Alto Comissario, de 19 de Maio de 1921.

Art. 7.º Aos missionarios estrangeiros aplica-se o disposto na Carta Orgânica da Provincia relativamente a estrangeiros.

§ unico. Os bilhetes de residência e a sua renovação são isentos do imposto de sêlo e de qualquer taxa ou emolumentos.

Art. 8.º Qualquer missão religiosa será extinta pelo Governador Geral, em Conselho Executivo, quando :

1.º Na sua constituição e serviços deixe de manter o estabelecido neste decreto ;

2.º Se torne incompativel com as populações indigenas da região onde se tiver instalado ;

3.º A sua presença e funcionamento sejam inteiramente destituidos de acção civilizadora ;

4.º A sua permanencia se torne nociva aos interésses da Soberania Nacional e á ordem e segurança pública.

§ único A extinção duma missão será sempre precedida de inquérito administrativo, com audiência dos missionarios e pessoal da missão.

Art. 9.º As missões religiosas que estiverem ou vierem a estar ao abrigo do decreto n.º 6:322. de 2 de Janeiro de 1920, terão as obrigações e vantagens por êsse decreto estabelecidas e ficarão sujeitas não só ás suas disposições como ás deste decreto.

Art. 10.º As missões religiosas darão cabal cumprimento ao disposto no presente decreto até 31 de Dezembro de 1922.

Art. 11.º Os serviços que respeitem a missões religiosas são considerados como provinciais competindo á Secretaria de Colonização e Negocios Indigenas, aos Governadores de distrito e aos administradores de circunscrição e capitães mores a fiscalização do disposto no presente decreto e a organização do registo das missões religiosas.

Art. 12.º Fica revogada a legislação em contrario.

Determino, portanto que todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução deste decreto pertencer, o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nele se contém.

Alto Comissariado da República, em Loanda, 9 de Dezembro de 1921.

O Alto Comissário,

José Mendes Ribeiro Norton de Matos

BIBLIOTECA

DO

Instituto de Missões Coloniais

OBRAS PUBLICADAS

Apontamentos sobre alguns medicamentos de urgencia para uso das Missões Civilizadoras, por A. R. Martins.

As Missões em Angola e Moçambique — Resumo Historico e um Plano Missionario, M. Borges Grainha.

Empoly of Prepositions, por Carlos Martins.

Fernão de Magalhães e a sua Viagem de Circumnavegação, por Antonio Ferrão.

Legislação sobre Missões Civilizadoras — Decretos n.os 3:352, 3:469, 5:778, 5:847-E e 6:322.

Regulameuto da Instrução Secundária — Decreto de 18 de Junho de 1921.

Edificio do Instituto

Instituto de Missões Coloniais

INTERNATO DE ALUNOS PENSIONISTAS

Neste estabelecimento são admitidos alunos internos pensionistas, para frequencia do curso liceal. (Decretos n.os 3:352 e 3:469).

As condições do internato são as seguintes:

1.ª — a edade de admissão é dos 10 aos 13 anos;

2.ª — o preço da pensão é de 1:000$00, pelos dez meses de tempo escolar, de 1 d'outubro a 31 de julho;

3.ª — neste preço compreende-se alimentação, tratamento medico, roupas e mobilia de quarto.

Estes alunos não são obrigados nem destinados ás missões.

Banco Colonial Português

SÉDE

Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Telegr.: PROCOLONIA

Capital autorizado: Escudos: 100.000.000$

Capital emitido: Escudos: 10.000.000$

SUCURSAIS NA AFRICA ORIENTAL E OCIDENTAL PORTUGUESAS

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO CONTINENTE, ILHAS E EM TODAS AS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

Efectua todas as operações bancarias, descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, pagamentos por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de Bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.